

Por trás do boletim

A artesã fascinada pelos vestidos de ciganas; o revisor apaixonado pelos pequenos detalhes da vida. O que ambos têm em comum? Além de raízes são-tiaguenses e muito talento, há na dupla o propósito de compartilhar narrativas que registrem e fortaleçam a memória coletiva. Nesta edição do Sabores & Saberes, conheça mais dois colaboradores que, escrevendo histórias, resgatam trechos da História.

Págs. 3 e 4

O Prefeito Aristeu

"Hoje, do alto dos meus 76 anos", começa Cairu Rezende em seu artigo nesta edição do boletim. No texto, uma reflexão sobre política, Comunidade, individualidades, papéis e Cidadania. Tudo isso enquanto perpassa a trajetória pública do "prefeito Aristeu". Numa época em que a Prefeitura não estava estruturada, como hoje, com todos os setores de serviços separados, organizados e com dirigentes próprios".

Pág. 11

Língua e linguagem

Nossa língua, em especial a oral popular, é eivada de uma magia inigualável, de um sabor inenarrável e que a memória coletiva é apta a revelar, a fluir em toda sua espontaneidade. Maravilhas de nossa fala comum, por vezes revestida de novos valores semânticos, imbuída, porém, de sua significação original, fraseologia convergente, quando não erudição refinada. Palavras, verbetes, expressões, locuções, por mais antigas, ancestrais vozes rurais e medievais, que prosseguem vivas na comunicação coletiva, onde emanam o brilho argênteo da ação humana.

Pág. 15



MUITO ALÉM DAS TROPAS

Nas vendas, era comum a divisão de espaço entre os gêneros secos – guarda-chuvas, ferraduras, chapéus, espelhos, cintos, facas, garruchas, munição, linha de costura – e os comestíveis (molhados) – cachaça, sal, rapadura, feijão, milho, toucinho, carne salgada. Num balcão, encontrava-se uma balança e nas portas havia tamboretas e caixas viradas para baixo que serviam de bancos. Havia ain-

da nas localidades as boticas nas quais se comercializavam medicamentos e ainda eventualmente lojas que se limitavam a vender fazendas secas (panos, tecidos, mantas, aviamentos". A descrição, pitoresca, foi cenário para o protagonismo de muitos tropeiros. Homens que, no Campo das Vertentes, transportaram mercadorias e moveram Economias.

Pág. 6

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA POPULISMO E ESPETACULARIZAÇÃO

A administração pública brasileira é um palco de dicotomias e anomalias de toda sorte. Muitas vezes, um mar de vedetismo, ostentação, presunção, quando não abusividade, vulgaridade. O largo número de gestores incongruentes, imaturos, sem nenhum projeto administrativo de interesse coletivo. A espetacularização da vida, na expressão do pensador francês Guy Debord (obra "A Sociedade do Espetáculo", RJ, Ed. Contracapa, 1997) em que o outro espetacularizado, investido de publicidade, celebridade, liturgia do poder, parece adquirir um valor acima dos demais referenciais sociais. Conceito análogo ao desenvolvido pelo filósofo polonês Zygmunt Baum quanto ao tipo de sociedade que reforça, promove, estimula a escolha de uma modalidade de vida, uma estratégia consumista, sensorialista, rejeitando todas as opções culturais alternativas (obra "Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria" Ed. Jorge Zahar, 2008).

O poder público tem, que estar, necessária e essencialmente, conectado à comunidade, embasado nos princípios fundamentais da administração, consoante o art. 37 da Constituição Federal: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, eficiência, responsabilidade. O que se espera, pois, de um gestor público é que ele seja um solucionador de problemas, um promotor de soluções e de boas práticas ante as demandas de interesse comum. Não praticantes de políticas patrimonialistas, paternalistas e ilusionistas, pejudicadas de clientelismo, de falso altruísmo, regadas a grossas verbas públicas a custear fanfarronices, estroinices, espetáculos circenses, orgias idílicas e etílicas como se observa, quantas vezes, haja vista os milhares de processos abertos em todo o País, pelas egrégias autoridades, ao longo do tempo, contra maus gestores do dinheiro público.

Paternalismo, autoritarismo geram empobrecimento humano e cívico. O grande vazio que surge, o vácuo que se abre ao se perder a fantasia da alienação. O confiar em salvadores da pátria. O depositar nossa salvação, nossas expectativas, nosso objeto de adoração, idealização ou salvação em alguém – um poder, uma autoridade, um mito – e que, de súbito, se desagrega, vai ao chão.

Uma dicotomia depauperada. Não assumirmos nossos próprios traumas, não deixarmos nosso inconsciente falar, não atualizarmos nossa relação transferencial, legando a outrem – seja um administrador, um líder religioso, um familiar – nossa responsabilidade objetiva, existencial. Optamos, infelizmente, por desconhecer nossos fantasmas e complexos como povo e nação, por não assumirmos nossa memória, nossa potencialidade, quando, na verdade, deveríamos/devemos buscar novos horizontes, trabalhar projetos efetivos, abolir conflitos discursivos, de desprazer e desconfiança...

O reconhecer o outro, o resignificar o meio, mediante uma conexão assertiva, construtiva; o conhecer a realidade contextual, histórica; o ter percepção coletiva – eis o que se espera do gestor e...de todo cidadão!

Adivinhas/charadas



- 1- Por que o menino estava falando ao telefone deitado?
- 2- Qual é a cidade brasileira que não tem táxi?
- 3- Qual a fórmula da água benta?
- 4- Por que o jacaré tirou o filho da escola?

Respostas: 1- Para não cair a ligação; 2- Uberlândia; 3- H Deus O; 4- Porque ele repil de ano

Provérbios e Adágios

"Se estás cansado de um amigo, empresta-lhe dinheiro."

Emprestar dinheiro a alguém, ainda que seja familiar da gente, sempre foi e é arriscado. É verdade que a Bíblia nos aconselha a generosidade do empréstimo para ajudar alguém em dificuldade. É verdade que o Evangelho põe a ajuda dentro da caridade, que é mandamento para todos. Assim mesmo, precisamos ficar atentos, quando emprestamos dinheiro. Até hoje, ninguém a quem emprestei dinheiro, ainda que pequeno, devolveu. Emprestar dinheiro é como emprestar um livro: é muito difícil o livro ou dinheiro voltar. Daí o conselho do provérbio: se tens um amigo chato, empresta-lhe dinheiro; ele não voltará, para não ser cobrado. Aconselho, quando o dinheiro a ser emprestado é pouco, dá-lo.

Frei Clarêncio Neotti, OFM

Para refletir

- É evidente que a estrada é de todo mundo, mas certas peregrinações só se fazem a dois ou não se fazem. (Georges Bernanos)
- Foi o tempo que perdi com minha rosa que fez minha rosa importante. (Saint Exupéry)
- As paixões são como as ventanias que incham as velas do navio. Algumas vezes o afundam, mas sem elas não se pode navegar. (Voltaire)
- A alma do outro é uma floresta escura. (Rilke)

PROFISSÃO DO NOIVO

A jovem, como o fazia regularmente, visita a madrinha. Tempos em que valores sociais e familiares ainda contavam. Dessa vez, porém, por motivo especial. Alegre, para não dizer eufórica, estava ali para comunicar seu noivado com um rapaz da cidade, conhecido aliás por sua negligência com o trabalho e descompromisso com o batente diário. Amigo de caminhadas ociosas, acompanhado de inseparável vara de pescaria. O interesse da jovem – mocinha pobre, de pouca escolaridade – era, no fundo, que a madrinha bancasse parte do enxoval ou da festa, como era praxe. A madrinha, deveras preocupada com o futuro da afilhada, busca inteirar-se melhor do assunto, perguntando à afilhada: – E seu noivo, o que ele faz? Qual a sua profissão? – Ah, madrinha, ele pesca...

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diélla
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



O escritor - e revisor - engenhoso

Quando Fábio Antônio Caputo abre o portão de casa, escancara também um sorriso. Parte dele sinaliza que nossa equipe, de passagem para uma entrevista, é bem-vinda. Outra vai para Apolo, um cãozinho caramelo que retribui a simpatia com um abanar de rabo e uma espera solene até ouvir: “Pode ir lá dentro, meu filho”. E Apolo vai, quase cumprimentando também os gatos que encontra pelo caminho.

Fábio assiste à cena com fascínio, como se não fosse corriqueira. É que na verdade, pra ele, em tudo há beleza, em tudo há magia e quase tudo merece nota para se transformar, mais tarde, em uma boa crônica – especialmente memorialística.

Se ao longo de três décadas Fábio se fez Engenheiro; agora ele faz questão de ser um escritor... engenhoso. Aliás, com o mesmo olhar leve, encantado por entrelinhas, ele vai além: revisa o *Boletim Sabores & Saberes* voluntariamente.

Sabores & Saberes – Afinal, o que é ou representa memória pra você?

FÁBIO CAPUTO – Uma palavra tão bonita quanto significativa. Veja bem: por algum motivo que talvez minha geração não entenda, *passado* tem se tornado um termo meio pejorativo. As pessoas o associam geralmente ao que é velho, obsoleto; e o deixam de lado. Já a *memória* é pacificadora no meio disso tudo. Eu a vejo como “aquilo que se pensa sobre o passado”.

Sabores & Saberes – Ou o que “se faz dele”, também?

FÁBIO CAPUTO – Claro! Eu gosto de coletar, colecionar e contar sobre memórias. Algo que, até, é muito semelhante ao que o *Sabores & Saberes* faz. Porque ele é memorialístico num sentido amplo. Há, de um lado, a pesquisa documental, bibliográfica; e o registro de capítulos da História que vinham se perdendo. Por outro lado, tem também aquela coisa de ir colhendo aqui e ali as conversas, as trocas, as crenças e as lembranças populares. É algo muito nobre.

Sabores & Saberes – Isso o motiva no trabalho de escrever artigos colaborativos e também de revisar o boletim?

FÁBIO CAPUTO – Hoje, sim. Eu acho. Mas tudo começou de uma forma muito... ao acaso, eu diria. Em 2021, minha mãe passou longos períodos no hospital – e a acompanhei em muitos momentos, compartilhando a vigília com a minha irmã. Foi nesse período que comecei a escrever artigos, transformando a impotência da situação em quietude. Houve uma série sobre São Tiago, outra sobre a Família Caputo. Mas também já escrevi sobre cachorros de rua, uma bicicleta... agora há ainda a seção *Histórias Inventadas*... As coisas são um pouco avulsas, mas ao mesmo tempo muito conectadas.

Sabores & Saberes – Algo que vale para as revisões também? Como começaram a fazer parte da sua vida?

FÁBIO CAPUTO – Através de um convite do Senhor João... O conheço há uma

vida. Ele sempre teve essa presença, esse impacto respeitado e de grande admiração em São Tiago. Então quando falou sobre as revisões, senti que tinha uma missão interessante ali. Faço com carinho, com prazer. E, bom, enquanto reviso também leio, aprendo.

Sabores & Saberes – Em algum momento já se pegou pensando que é peça importante no quebra-cabeças da memória regional?

FÁBIO CAPUTO – Ah... Se digo isso acabo soando pretensioso! Mas há um sentimento de fazer alguma diferença mesmo. Vez ou outra sou parado na rua, alguém comenta sobre um texto que leu, algo de que sentiu saudade. Isso me deixa feliz, em paz. O mundo tem cada vez menos cômodos e móveis com gavetas. Onde colocaremos livros, recortes, pastas com papel, fotos, lembranças? Não é? Mas vamos dando nosso jeito, digitalizando coisas, compartilhando online...

Sabores & Saberes – O próprio boletim tem esse lado também com sua versão em bytes...

FÁBIO CAPUTO – Viu só? De alguma forma, a memória tão preciosa resiste. Não sei por quanto tempo e se as próximas gerações pensarão assim. Mas vamos fazendo nossa parte ora sendo saudosistas, ora nos adaptando às tecnologias e persistindo em nome do que acreditamos.



A artesã das palavras

“Preciso ficar paradinha?”, pergunta Maria Helena Caputo enquanto olha para a câmera, segundos antes de ser entrevistada. O faz, na verdade, com muita graça e classe, se referindo à vontade quase incontrolável de gesticular enquanto fala: “Vir de família italiana tem dessas coisas. A gente se mexe muito”, brinca.

De fato, para ela, as mãos são verdadeiras ferramentas de comunicação, trabalho e até vida. Além de psicóloga e educadora, Maria Helena é artesã e escritora. Talentos que se explicam, talvez, por ter crescido com mãe, madrinha, tias e primas que tinham como profissão a arte de vestir corpos e dar estilo ao mundo. Sim, elas eram costureiras. “Cresci no meio de panos, rendas, veludos. Na verdade, estava sempre com uma tesourinha na mão imitando o que elas faziam. Havia muita beleza naquele cuidado, naquela forma de enxergar nuances e medidas, de transformar tecidos em peças que seriam inclusive inesquecíveis para muitas histórias”, explica Maria Helena.

Uma delas, aliás, foi a própria – e inspirou o primeiro texto escrito pela psicóloga-educadora-artesã para o *Sabores & Saberes*.

Sabores & Saberes – Em Julho de 2020, seu artigo *Memórias de Infância – Ciganos na Cidade*, foi publicado no boletim. De fato, além de registros e observações sobre a Comunidade, houve ali traços muito nítidos de recordações afetivas...

MARIA HELENA – Algumas, inclusive,

muito sutis e quase inesperadas. Porque, veja bem... Fui criada no meio de veludos, de rendas, de botões. Mas no meu olhar de criança, não havia nada mais bonito que os tecidos usados pelas ciganas. Lembro que, quando chegavam a São Tiago, levavam materiais lindos para serem transformados em vestidos. Não me esqueço das fitas largas, das cores todas. Nessas interações, aprendemos muito sobre possibilidades, modelos, combinações – e ouvimos tantas histórias... Meu Deus! Foi assim, aliás, que fomos “costurando” a nossa também.

Sabores & Saberes – Aliás, compartilhar essas memórias pessoais colabora e muito com a construção da memória coletiva. É esse, também, um propósito seu?

MARIA HELENA – De alguma forma, sim... Morei em Belo Horizonte durante muito tempo. Mas quando voltei para São Tiago, comecei a questionar o que fazer com tantas lembranças tão vivas, tão importantes e tão felizes. Sentia que não deveriam permanecer apenas comigo. Que um trecho ou outro do que me recordava envolvia uma História maior. Pouco depois, coincidentemente, recebi o convite para participar vez ou outra do *Sabores & Saberes* – e aceitei com muita alegria. Hoje, tenho mais de 30 textos publicados. Sinto, no meu coração, que desperto bons sentimentos em quem viveu tudo aquilo também; ao mesmo tempo em que relato sobre nosso ontem para as gerações de hoje.

Sabores & Saberes – E como funciona, aliás, seu processo criativo? Como sente, seleciona e foca numa determinada inspiração para escrever?

MARIA HELENA – De maneira muito dinâmica e gostosa também. Às vezes a ideia vem enquanto saboreio um bom café; ou enquanto converso com uma amiga; durante uma reunião do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago; ou mesmo no comentário de algum leitor sobre algo que já publiquei. Vez ou outra me param na rua dizendo assim: ‘Ah, gostei tanto do seu texto sobre Carros-de-Boi... Adoraria ler outro sobre a rua em que morei, a pessoa específica que conheci’. E por aí vai. Parece uma linda colcha de retalhos costurada por várias pessoas.

Sabores & Saberes – De que maneira, então, esses *feedbacks* impactam na sua relação com o boletim? Representam sucesso, maior responsabilidade, impulso para continuar?

MARIA HELENA – Creio que um pouco de tudo isso. Porque não basta escrever – é preciso cuidar do que está sendo entregue e será lido. Esse, inclusive, é um aspecto importante. Gosto de registrar minhas vivências, mas também faço questão de ler, pesquisar, entender, consultar pessoas envolvidas ou que entendem do tema. E isso é muito bonito, aliás. Quando falamos em ‘memória’, pensamos sempre no que já foi – mas eu, particularmente, sigo aprendendo o tempo todo. Inclusive com o passado.

TREZENA DE SANTO ANTÔNIO NAS DÉCADAS DE 1980-1990

A trezena de Santo Antônio é um dos eventos mais aguardados pelos moradores do bairro Cerrado. Na época quando Monsenhor Eloi era o pároco se preocupava com a dimensão espiritual e social da comunidade, conduzia a pregação do evangelho e também reflexões sobre a vida de Santo Antônio objetivando inspirar os fiéis a seguir os exemplos de santidade de Santo Antônio.

Durante os dias da trezena, havia movimento de barraca, a tradicional víspera, leilões de mesas e várias pessoas eram convidadas a ser festeiras. Corria uma lista de arrecadação de doações, que era passada nas casas. Os organizadores pediam doações para o leilão sempre com a mesma frase: "Me dá um leilão para Santo Antônio?". E, mesmo aqueles que não tinham nada para doar, eram abençoados com a frase: "Santo Antônio te abençoe".

Ao lado da igreja, montava-se uma grande barraca para a venda de pastéis de angu, quibe, pão de queijo, saquinhos de pipoca, quentão, bico de bala, doce de leite, cartucho com amendoim torrado ou açúcarado, além de pão com molho. Moradores locais se reuniam para cortar papel e fazer o grande varal de bandeirinhas, que se estendia do lado de fora da igreja até o Cruzeiro da Praça São Vicente e voltava rodeando as árvores e a barraca.

No dia da festa, 13 de junho, um grande arco de bambu era enfeitado como uma entrada num dos lados da praça. À noite, havia o levantamento do mastro com estampa de Santo Antônio, seguido pela celebração festiva. Ao final da missa havia a bênção e distribuição do pão. A procissão percorria as ruas do bairro e, na chegada, era recebida por fogos de artifício.



Na parte social da festa, havia forró, venda de correio elegante pelos alunos, "peça e ofereça" de músicas pela equipe de sonorização do Magnata Clube. Próximo à igreja, havia a tradicional fogueira, onde muitos se reuniam para se aquecer. Eram dias muito frios.

Dias após a festa, o que havia sido arrecadado era convertido em parte para as obras sociais, ajudando os pobres com a compra de cobertores, alimentos e remédios, tudo com o apoio da Pia União de Santo Antônio e dos Vicentinos.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

O PODER DA PRECE...

Uma pobre senhora, com visível ar de derrota estampado no rosto, entrou num armazém, se aproximou do proprietário conhecido pelo seu jeito grosseiro, e lhe pediu fiado alguns mantimentos. Ela explicou que o seu marido estava muito doente e não podia trabalhar e que tinha sete filhos para alimentar. O dono do armazém zombou dela e pediu que se retirasse do seu estabelecimento. Pensando na necessidade da sua família ela implorou: "Por favor senhor, eu lhe darei o dinheiro assim que eu tiver..." ao que ele respondeu que ela não tinha crédito e nem conta na sua loja. Em pé no balcão ao lado, um freguês que assistia a conversa entre os dois, se aproximou do dono do armazém e lhe disse que ele deveria dar o que aquela mulher necessitava para a sua família por sua conta. Então o comerciante falou meio relutante para a pobre mulher: "Você tem uma lista de mantimentos?" "Sim", respondeu ela. "Muito bem, coloque a sua lista na balança e o quanto ela pesar, eu lhe darei em mantimentos". A pobre mulher hesitou por uns instantes e com a cabeça curvada, retirou da bolsa um pedaço de papel, escreveu alguma coisa e o depositou suavemente na balança. Os três ficaram admirados quando o prato da balança com o papel desceu

e permaneceu embaixo. Completamente pasmado com o marcador da balança, o comerciante virou-se lentamente para o seu freguês e comentou contrariado: "Eu não posso acreditar!". O freguês sorriu e o homem começou a colocar os mantimentos no outro prato da balança. Como a escala da balança não equilibrava, ele continuou colocando mais e mais mantimentos até não caber mais nada. O comerciante ficou parado ali por uns instantes olhando para a balança, tentando entender o que havia acontecido. Finalmente, ele pegou o pedaço de papel da balança e ficou espantado pois não era uma lista de compras e sim uma oração que dizia: "Meu Senhor, o senhor conhece as minhas necessidades e eu estou deixando isto em suas mãos...". O homem deu as mercadorias para a pobre mulher no mais completo silêncio, que agradeceu e deixou o armazém. O freguês pagou a conta e disse: "Valeu cada centavo...". ...Só mais tarde o comerciante pode reparar que a balança havia quebrado, entretanto só Deus sabe o quanto pesa uma prece... Faça uma prece. É só isso o que você deve fazer. Faça uma prece para uma pessoa que sabe estar necessitada. Isto é poder. Continue rezando sempre... Vale a pena!!!



Na esquerda para a direita: Flausino, Modesto, José, Antônio, Zulmira (empregada), Margarida (no colo de Zulmira), Francisco e Jair. Ao centro o casal Obejar de Castro e Maria José (Ziquinha), no colo deles as gêmeas: Dulce e Dilce.

UMA TRAJETÓRIA DE SONHOS, TRABALHO E DEDICAÇÃO

Obejar José de Castro

Obejar José de Castro nasceu em primeiro de outubro de 1.895, em São Tiago, no interior de Minas Gerais, sendo o décimo segundo filho do Sr. Modesto José de Castro e de dona Margarida Rainha dos Anjos. Um homem decidido, gênio forte, trabalhador e honesto, possuía muita afinidade com os irmãos: Francisca (Chica), Benjamim e, principalmente, Olímpio.

Antes de se casar foi informado por seu irmão Olímpio, que morava em Mercês de Água Limpa, de que havia um sítio a venda em Capelinha. O sítio era moderno, possuía um moinho de fubá e um gerador de usina elétrica, a base de queda d'água, além de uma sede muito boa. Era chamado "Sítio do Tanque". Obejar gostou muito das terras, jun-

tou suas economias, fechou o negócio e foi morar em Mercês de Água Limpa.

O Sítio do Tanque fazia divisa com uma mineradora internacional que futuramente foi vendida para COSIM (Cia. Siderúrgica de Mogi das Cruzes) e explorava o manganês. Ela precisava de carro de boi para fazer o transporte já que, naquela época, o transporte era feito somente dessa forma. Precisava de um carro de boi maior, que desse conta do transporte da jazida até caçambas, onde saía por via aérea, atravessava o Rio das Mortes, para o teleférico ferroviário e seguia na Maria Fumaça. Obejar trabalhou no transporte dessas cargas. A mineradora foi expandindo até que entrou no seu terreno, que também tinha esse minério.



Nessa época, Obejar conheceu Maria José de Castro, dona “Ziquinha”, filha de seu primo, João Camilo de Castro. Os irmãos, Obejar e Benjamim, se casaram com as irmãs Maria José e Carlita. O casal teve onze filhos: Jose Resende de Castro, Modesto de Castro, Antônio de Castro, Francisco de Castro, que morreu aos 17 anos devido a problemas no coração; Flausino José de Castro, Jair Camilo de Castro, Maria de Castro falecida na infância, Margarida de Castro, as gêmeas: Dulce Margarida de Castro e Dilce Margarida de Castro; e Obejar Lázaro de Castro, o mais novo.

Em determinada época, um fazendeiro resolveu vender uma enorme fazenda chamada “Fazenda Ressaca” que confrontava com o Sítio do Tanque. Obejar comprou e logo se mudou para lá, onde teve grande criação de gado, muita produção de leite, engenho para produção de rapadura, garapa e açúcar mascavo. A fazenda, posteriormente, foi invadida por pessoas de todos os lados, a ponto que os garimpeiros chegavam sem nada, causando tumultos, faziam ranchos e aproveitavam das terras, extraíndo minério. Era um metal preto, que se chamava cassiterita, que derretido se fabricava o estanho e utensílios domésticos, mas no momento era usado para fabricar munição de armas de fogo, pois, com a Segunda Guerra Mundial, o Brasil precisaria de munição, se fosse entrar na guerra.

Obejar conversou com o pessoal, garantiu as compras de alimentos no armazém e combinaram que os garimpeiros dessem 1/3 do que eles conseguissem de minério. Nas terras tinham muito minério, posteriormente uma Companhia francesa procurou Obejar e fez um contrato para explorar o minério. Ele concordou, desde que continuassem com o pessoal que já explorava. A Companhia explorava de maneira legal, e já existia uma exploração em Conceição da Barra de Minas. Deu a prerrogativa de Obejar contratar e demitir quem quisesse. O seu irmão Orosimbo trabalhou uma época na empresa com administração da produção de minério.

Certa vez, um homem chamado Jose Almeida, dono de uma fazenda que dividia com a Fazenda do Tanque, já se encontrava muito velho e muito doente, desejava vender a fazenda. Esse homem possuía escravos na sua fazenda, mesmo após a abolição da escravidão. Tinha somente filhas mulheres, não entregava a administração da fazenda a elas e nem a esposa. Além de possuir várias barras de ouro enterradas na fazenda, somente ele sabia onde estava, pois pedia ao escravo para enterrar e depois o matava. Obejar recebeu a proposta de venda e fecharam o negócio. O povo dizia que a fazenda era “manchada de sangue dos escravos”, devido aos maus tratos. Assim que comprou a fazenda, Obejar fez questão de destruir a sede. Essa Fazenda se chamava “Lagoinha”. Depois de um tempo foi descoberto o minério tântalo. Assim, a mineração descobriu e começou a exploração. Mas, parou a exploração porque descobriu em outro lugar o mesmo minério que era mais radioativo.

Vários proprietários de sítios pequenos resolveram vender suas terras para morar em Capelinha, Sr. Obejar comprava e pagava a vista, até que expandiu suas terras a ponto de confrontar com seu irmão Olímpio de Castro.

Apesar de ser muito rico, Obejar não mudou seu jeito de ser, muito simples e humilde. Emprestou muito dinheiro para pessoas apenas na palavra, sem documentação, assim muitas pessoas deram calote. Ele nunca perdeu a fé: rezava o terço todos os dias, costume aprendido desde a infância no Bengo. A cada quinze dias sempre ia visitar as irmãs do Bengo e deixava uma das filhas para ajudá-las, ou a Dulce ou a Dilce.

Em 06 de maio de 1947, através da visita do bispo Dom José Medeiros Leite, foi feita a provisão e constituída uma comissão pelos Vigários de São Tiago e Bom Sucesso, Revmos. Pe. José Duque Siqueira e Ignácio Campos, com a finalidade de elevar a Capela Nossa Senhora das Mercês à categoria de Paróquia. Sendo que Sr. Obejar de Castro foi designa-

do tesoureiro.

Por volta de 1949 a 1953 quando houve a ampliação da igreja em Mercês de Água Limpa, Sr. Obejar de Castro ajudou com a cessão de carro de boi para fazer o transporte das madeiras e pedras, considerado um dos melhores carros de bois da época, além de doação financeira e de outros materiais.

Em uma viagem a Bom Sucesso, quando estava voltando, em meio a uma tempestade, aconteceu que o cavalo caiu e rolou serra abaixo. Apesar do acidente grave, Obejar sobreviveu, mas sofreu fraturas nas vértebras. Assim, ele prometeu que se conseguisse voltar a andar, iria doar o Sítio do “Gumbe” para alguma entidade ou pessoa que tivesse necessidade. Esse era um sítio pequeno que tinha comprado. Ele voltou a andar, através de um tratamento em Belo Horizonte, mas, posteriormente, apareceu com uma doença chamada espondilose, que era um desgaste das vértebras, não se sabe se a causa foi o trabalho na roça ou o acidente. Ele começou a usar colete de aço para poder andar.

Em relação a promessa, certa época houve uma necessidade extrema de aumentar o cemitério em Mercês de Água Limpa e o proprietário do terreno, que dividia com o cemitério, pediu um valor exorbitante para a venda do terreno. Assim, Obejar vendeu o Sítio do “Gumbe” e, com o valor da venda, comprou o terreno e doou para o aumento do cemitério.

Do ponto de vista social, Obejar via a dificuldade das pessoas para comprar remédios, fazer consultar e exames médicos. Já que em Capelinha não tinha hospital e nem farmácia. Assim, providenciou uma condução através de um cavalo, chamado “Monarca”. Esse cavalo ficava a disposição em um pasto perto da sede de sua fazenda, Ele era forte e manso. Dava conta de viajar, ir a Bom Sucesso, São Tiago e Conceição da Barra de Minas.

Obejar teve filhos adotivos chamados Miguel, João (que tinha o apelido de “Diamante”), e outro que tinha o apelido “Melado”. Eram filhos de uma mulher negra, que ficou viúva, chamada Felipa. Também criou Geraldo “Preto”, filho de uma parteira.

Dona Ziquinha era uma senhora muito boa, considerada a mãe dos pobres, doava de tudo: mantimentos, alimentos, frutas e dinheiro. Tinha um coração muito bom. Quando seu filho José foi convocado para Segunda Guerra Mundial, ela ficou muito angustiada, rezou fervorosamente para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para que seu filho não fosse, caso não voltasse vivo de lá. Aconteceu que o tenente tinha um recruta que levava sua filha a escola, um dia ele não pode trabalhar, então José levou a menina. Depois disso a menina só queria que José a levasse na escola, pois tinha gostado muito e não queria que ele fosse embora para Guerra. O tenente conversou com os oficiais e liberaram José da missão. Os rapazes que foram, nenhum voltou vivo. Em outra ocasião, no falecimento do seu filho Francisco, dona Ziquinha ficou muito desolada, queria guardar uma lembrança do seu filho consigo. Foi aí que cortou um cachinho do cabelo dele e o sempre guardou em um saquinho. Fazia suas orações e nunca esqueceu dele. Um dia ela levou um susto, pois percebeu que o cabelo tinha ficado branco, pois já fazia mais de trinta anos do falecimento.

Obejar, na sua velhice, dividiu as terras entre seus filhos e ficou com uma casa em Capelinha morando com a esposa. Ela veio a falecer em fevereiro de 1980, por complicações da pneumonia. Ele faleceu em primeiro de setembro do mesmo ano, com 84 anos.

Sr. Obejar de Castro foi uma pessoa muito grata a Deus, por todas as oportunidades recebidas. Tinha uma imensa força de vontade, sempre se preocupou com o melhor para seus filhos e deixá-los bem amparados.

Fernando José de Castro
Fernando de Castro Campos



TROPAS, RANCHOS, ESTALAGENS E HOSPEDARIAS

São Tiago e arraiais da região, alguns de gênese extrativista aurífera ou constituídos ao longo da Estrada de Goiás⁽¹⁾ e de outros caminhos reais, eram ponto de passagem de tropas, boiadas, viajantes de toda sorte, rumo a mil e um destinos, demandando sertões afora⁽²⁾ ou litoral. Tropas a vencer léguas, a enfrentar todas as circunstâncias e obstáculos, ora a sede causticante, ora aguaceiros inclementes, atravessando o vau de rios, enchentes avassaladoras, confrontando onças, ombreando fantasmas, o permanente medo de salteadores a beirarem acampamentos ou a prepararem ciladas nos desfiladeiros e socavões das grotas. Como companheiros, os despeñadeiros, carrascais, perambeiras, a busca de aguadas e pastagens para as tropas e rebanhos em trânsito, por vastidões e trechos sem vizinhança ou estalagens. Acosados intermitentemente por febres, exaustão, acidentes de trabalho, ou picadas de animais peçonhentos, a que muitos não resistiam. À frente, a égua madrinha balançando o cinerco, marcando a rija jornada, o momento ainda de se descansar, mesmo ao relento, sob o aquecido olhar das estrelas...

Importante papel era cumprido pelos tropeiros⁽³⁾ ao levarem produtos primários e ainda importados até os mais distanciados rincões, servindo eles, ademais, de veículo de informações, conhecimentos, interligando o litoral ao sertão, a civilização ao primarismo do interior pátrio. Muitas fazendas dispunham, igualmente, de ranchos de pouso e ainda vendas, próximos às sedes, destinados aos passageiros em trânsito – locais estratégicos onde tropeiros, mascates, mercadores se hospedavam, ali adquirindo mercadorias a serem comercializadas nos núcleos urbanos e/ou então ofertando as mercadorias de que dispunham em seus estoques⁽⁴⁾. Sem se falar na vigorosa infraestrutura das propriedades, detentoras de engenhos, monjolos, tendas de ferreiro e marceneiro, casas de queijos, olarias, moinhos, teares, rodas de fiar, tornando-as unidades produtivas de grande lastro econômico.

Homens com lenços negros ao pescoço, o chapéu chileno com a copa envolta por larga fita, a sina de seguir em campo aberto ou densa cerrania. Refeições ligeiras, tendo como bebidas, servidas em coitéis, o chá de congonha ou o café adocicados com rapadura. Os muare, muitos deles pampeiros gaúchos, carregados de mercadorias – sal, cereais, carne seca, ferramentas, armas, pólvora, grãos, tecidos, artigos de higiene e perfumaria, vinhos, aviamentos e adereços imprescindíveis ao consumo e ao mesmo sobrevivência da so-

cidade da época⁽⁵⁾.

Encontravam, por vezes, ao longo dos caminhos, locais para parada e descanso, as denominadas hospedarias, ranchos ou estalagens. O viajante e pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802–1858) em sua obra “Viagem Pitoresca através do Brasil” SP, Circulo do Livro) informa que nas pequenas aldeias (lugarejos) se “organizavam as caravanas, aí se encontrando gente de todas as condições sociais”. Ou ainda as vendas. As vendas, segundo o viajante Richard Burton (1876) em seu livro “Viagem aos planaltos do Brasil” vol. 1, pertenciam a um estágio intermediário entre o rancho e a estalagem na escala da hospitalidade mineira. Uma terra “onde um de cada dois cavalheiros montam uma casa de comércio”, servindo estas de hospedarias para os viajantes. Nas vendas encontrava-se de tudo, “desde alho e livros de missa até cachaça, doces e velas” além de quartos para se alugar viajantes. Os quartos se compunham de uma gamela para abluções, um catre, uma mesa de pernas compridas e um banco baixo”.

Nas vendas, era comum a divisão de espaço entre os gêneros secos – guarda-chuva, ferraduras, chapéus, espelhos, cintos, facas, garruchas, munição, linha de costura – e os comestíveis (molhados) – cachaça, sal, rapadura, feijão, milho, toucinho, carne salgada. Num balcão, encontrava-se uma balança e nas portas havia tamboretas e caixas viradas para baixo que serviam de bancos. Havia ainda nas localidades as boticas nas quais se comercializavam medicamentos e ainda eventualmente lojas que se limitavam a vender fazendas secas (panos, tecidos, mantas, aviamentos)⁽⁶⁾. Era, então, o comércio uma forma de enriquecimento e ascensão de grandes famílias da região, originando-se poderosos mercadores e banqueiros em nossa região, com destaque para o Cap. José Maximiano Batista Machado, Dep. Batista Caetano de Almeida, Comendador João Antonio da Silva Mourão, Cel. Sabino de Almeida Magalhães, Manoel Gomes de Castro, Comendador Carlos Batista Machado etc.

Caberia, pois, aos tropeiros⁽⁷⁾ um papel preponderante no processo de transporte, comércio e mobilidade das mercadorias, sejam as produzidas na Capitania (Minas), sejam originárias de outras regiões do País ou exterior. Ao lado dos tropeiros, vários eram os agentes do comércio mineiro, envolvendo produtores rurais, negociantes sediados nas vilas, povoados ou beira-caminho, fiscais dos registros fazendários, formando uma intrincada rede de interesses e mesmo

conflitos, até mesmo sedições e motins. Tal o volume de transações comerciais, de todo o porte, formais e informais, que faria Minas tornar-se “a capitania de todos os negócios”, conforme representação do secretário de Minas ao rei D. João V (1732).

São João Del-Rei era uma das praças ou polos concentradores do comércio regional, seja aglutinando exportações interprovinciais de gêneros, seja como supridor/distribuidor/ escoador da produção local para vários mercados regionais, formando uma casta invejável de mercadores com negócios na Corte e mesmo exterior. Viajantes estrangeiros como John Luccock (“Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil” Itatiaia/Edusp 1975, p. 313) observaram que os mais categorizados comerciantes sanjoanenses, proprietários de armazéns, ostentavam titulações e patentes militares – coronel, tenente coronel, capitão, alferes, furriel etc – algo típico da colonização, cuja outorga de honrarias militares pela Coroa aos indivíduos proeminentes da sociedade, objetivava conquistar-lhes e sedimentar-lhes a fidelidade real.

O Império viria centralizar o registro de firmas e contratos comerciais na Corte (na Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábrica e Navegação até 1851); após esta data em tribunais do comércio, nos termos do Código Comercial de 1850, mediante publicação ainda no “Jornal do Commercio”. Em 1875, com a supressão dos tribunais e sua substituição por juntas e inspetorias em algumas províncias – que se mostraram ineficientes – tornando, na prática, facultativos se não inócuos tais registros comerciais de firmas e matrículas de negociantes. Daí a insuficiência e inexistência desses registros para pesquisas, restando, no caso de São João Del-Rei, os inventários, que se tornaram instrumentos eficazes, porquanto arrolam mercadorias armazenadas, dívidas ativas e passivas, monte-mor (total da fortuna) quantificando o capital acumulado por muitos mercadores de nosso passado regional. Pode-se deduzir, outrossim, as estratégias sociais utilizadas para enriquecimento (casamentos geralmente endogâmicos, sociedades mercantis, heranças etc.).

No âmbito ainda de São João Del-Rei, há outro aspecto peculiar, tamanha a concentração e controle de capital e de ativos com numerosos créditos pelos grandes comerciantes e famílias abastadas, que levaria a imbricação do crédito mercantil, surgindo vigoroso centro financeiro-creditício, merecendo ênfase as famílias Machado, Mourão e Magalhães, detentoras de estabelecimentos bancários. O comércio era todo dominado por “portugueses natos, cuja influência é notória sobre a população da província, pois quase todos os moradores do interior devem aos negociantes de S. João e por isso, em muitos sentidos, lhes são sujeitos” relatou Carl Seidler, militar suíço-alemão, a serviço do exército imperial brasileiro, que acompanhou o imperador d. Pedro em sua visita a Minas em 1830 (“Dez anos no Brasil” Itatiaia/Edusp, 1980, p. 302).

A concentração de ativos e a manipulação do crédito mercantil nas mãos de alguns (que se valem dos serviços de atacado, agiotagem, controle dos meios de distribuição de mercadorias, chantagens etc.)⁽⁸⁾ sempre gerariam o controle social e o empobrecimento da população, o que ocorre até os dias atuais. Eis o que observou o viajante e botânico francês Saint-Hilaire:

“Os cavalos, os escravos, se comprem a prazo de vários anos; o vendedor que corre risco, não quer desfazer-se de sua mercadoria senão por preços superiores ao seu valor real; o comprador deixa-se seduzir por esperanças enganadoras, impaciente de possuir, não se preocupa com o futuro e concorda sem dificuldade com o preço que lhe pedem; mas, muitas vezes, o escravo ou os animais morrem antes que o novo proprietário tenha deles retirado o menor proveito e é obrigado a entregar o que possui quando chega o momento de saldar sua dívida. **Em cada povoação existe, geralmente, um homem rico, que vende assim mercadorias a crédito a todos os seus vizinhos e, que por isso, os mantém em completa dependência. O comprador de poucos recursos não ousa recusar nada a quem, por assim dizer, se tornou o árbitro da sorte de sua família**” (grifos nossos) (“Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” Itatiaia/Edusp, 1975, p. 291).

do século XIX, inícios do séc. XX, era de propriedade de Sabino Ferreira de Rezende (1868 – 1939) sediada na área central da cidade (praça da matriz). Sabino Ferreira era negociante de grosso trato, mantendo comércio, padaria, hospedaria, selaria, ranchos e pastagens para animais. Todo o quarteirão da Praça da Matriz, entre as atuais ruas Augusto Viegas e Teófila Navarro, estendendo-se até o Catimbau e o Pasto Grande, eram de sua propriedade. A padaria ou biscuitaria, sob a coordenação de sua esposa D^a Maria Madalena Santiago (Sá Cotinha) era famosa, produzindo-se as mais variadas e típicas quitandas, a partir dos mais esmerados insumos e a mais impecável assepsia; há que se registrar que Sá Cotinha trajava e exigia das quitadeiras o uso de máscaras faciais e aventais, é o que registra a memória local.

Sabino Ferreira nasceu aos 21/02/1868, sendo batizado a 01/03 do mesmo ano na igreja matriz de São Tiago pelo Rev^m Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara, então vigário interino, sendo padrinhos José Pedro da Matta e Maria Glz Rezende; era filho de José Ferreira da Costa e Laura Domitilla de Rezende, proprietários da Fazenda do Jacaré.

Sabino casou-se com Maria Madalena Santiago (Sá Cotinha), filha do Cap. João Pereira Santiago e sua 1^a esposa Purcina Laura de Rezende.. Filhos do casal: Lourdes de Rezende (Loura) c/c José Campos. Sabino Ferreira de Resende faleceu aos 13/11/1939, sendo sepultado no cemitério local.

(3) “O tropeiro é o sucessor direto do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro. A transição faz-se assim sem violência. O espírito de aventura que admite e quase exige a agressividade ou mesmo a fraude encaminha-se, aos poucos, para uma ação mais disciplinadora” (Sérgio Buarque de Hollanda – “Caminhos e Fronteiras” 3^a ed. São Paulo, Companhia. das Letras, 1994, p. 133).

Muitos tropeiros se tornariam sedentários, abandonando a dura e perigosa atividade itinerante, fixando-se como fazendeiros ou comerciantes urbanos, muitos deles proprietários de hospedarias e ranchos. “Aventureiros, menos ambiciosos uns, cansados do nomadismo outros, vão sedentarizando-se pelos arraiais que se formam durante o ciclo do ouro, cuja febre de mineração eleva-se e se extingue no século XVIII” (Alves Mota Sobrinho – “A civilização do café 1820–1920” São Paulo, Ed. Brasiliense, 1967, p. 20).

(4) Sugerimos, para melhor aprofundamento do tema, a leitura das obras “Homens ricos, homens bons” autoria da pesquisadora Carla Maria Carvalho Almeida, UFF, 2001, em especial p. 110 e ainda a “A marcha da civilização – vilas oitocentistas de São João Del-Rei e São José do Rio das Mortes” UFMG, 1998, autoria de Maria Augusta Amaral Campos.

(5) Não só produtores agrícolas (sesmeiros) se estabeleceram nas adjacências dos centros mineradores e ao longo dos caminhos e trilhas que conduziam aos núcleos auríferos. Também comerciantes em grande número, alguns ligados a casas comerciais estabelecidas no Rio de Janeiro, Bahia e Portugal com o objetivo de fornecer aos mineiros toda gama de gêneros e produtos – mormente às classes mais abastadas da população – incluindo artigos de luxo importados do Reino e Inglaterra, utilidades domésticas, equipamentos para agricultura e mineração.

Criar-se-ia uma economia de subsistência agrícola e de abastecimento do mercado interno, de forma vigorosa, articulada, estruturada, longe do clichê de que a economia mineira estagnara, após a depressão aurífera. Observar-se-ia, sim, uma vasta circulação de produtos provindos da Capitania e ainda importados de toda sorte.

Formar-se-ia uma classe mercantil pujante, composta por homens de negócios portugueses e brasileiros, (comerciantes, negociantes, importadores) levando a expansão e interiorização dos interesses comerciais metropolitanos, envolvendo abastecimento, arrecadação de impostos, comércio e transporte de mercadorias. Ao lado, um grande número de negociantes informais, comercializando diversificadas cargas, dentre tantas as de gêneros (milho, arroz, feijão, açúcar, linho, banha, trigo, etc).

(6) Sugerimos a leitura da obra “Perfeitos negociantes: mercadores das Minas setecentistas” Cláudia Maria Chaves, Annablume, 1999.

(7) O Tropeirismo – envolvendo o comércio e abastecimento interno, através de equinos – foi ponto crucial no desenvolvimento do País, incluindo a região das Minas. A população cada vez mais urbana, numerosa e capitalizada nas vilas, passou a dispor de grande diversidade e infraestrutura de serviços como o comércio varejista, alfaiataria, carpintaria, advocacia, atividades desempenhadas ainda por religiosos, artistas, funcionários públicos, militares, enfim uma classe média equidistante dos polos extremos da riqueza de então – de um lado, grandes senhores de escravos e de outro da pobreza (caativos). Uma economia em expansão e já consideravelmente mercantilizada.

Seriam os tropeiros, ao transportar mercadorias por todo o território pátrio – provendo os mais distantes rincões e lugarejos, mormente as estâncias mineadoras, onde o povoamento, ante a chamada “corrida do ouro” se agigantara. Segundo o ilustre historiador Sérgio Buarque de Holanda, mais de 2/3 (dois terços) da população mineira não vivia diretamente da exploração do ouro, dado o surgimento de boticários, mercadores, taberneiros, médicos, militares, atividades paralelas que viam reforçar a ação dos tropeiros, responsáveis e indispensáveis pelo transporte dos mais variados tipos de produtos e o consequente abastecimento da Capitania. (In “História Geral da Civilização Brasileira” vol. 1, São Paulo, Ed. Difusão Européia do Livro, 1960). Pesquisas comprovam, outrossim, que já em 1804, as atividades ligadas ao comércio, serviços e artesanato, ocupavam 1/3 dos chefes de domicílios de Vila Rica (Francisco Vidal Luna et alii – “Escravidão em São Paulo e Minas Gerais” São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2009, p. 59).

(8) Alguma diferença para com as cidades de nossas regiões dos dias atuais? A oralidade registra casos assustadores de pessoas que caíram nas mãos de atacadistas, usurários e mercadores do passado, que montaram impérios, por décadas, à custa da miséria de praticamente toda uma população, o que ocorre, infelizmente, até os dias atuais... Questão de ouvir, ver, observar vertical e horizontalmente...

“São Tiago – José Ribeiro do Vale, estabelecido neste arraial, em casa que arrendou a José Zeferino Gabet, dá cômodos aos srs. passageiros e pasto para animais e, embora não possa tratar como deseja a seus hóspedes em razão da falta de recursos do lugar, contudo será solícito e não poupará esforços para satisfazer aos srs. Viajantes que o honrarem com sua confiança” (Jornal “Gazeta Mineira” ed. 14-08-1886 – pesquisador Antonio Gaio Sobrinho, a quem muito agradecemos).

NOTAS

(1) Segundo o historiador Geraldo Guimarães, a abertura da Picada de Goiás (1736) daria oportunidade ao surgimento de vários arraiais, dentre eles São Tiago (In “O Povoamento de Minas Gerais”, Revista do IHGSDR ano 1996, p. 46).

(2) Uma das mais famosas e importantes estalagens em nosso meio, final

A SURPREENDENTE RUA RAUL SOARES



Redescobri recentemente que eu nasci no Bairro Cerrado onde hoje se encontra a Loja Zema, na casa da Dinha e João Mateus, meus bisavôs maternos, em 1957. Informação sem nenhuma importância afetiva em contraponto com o tempo de minha infância passado na Rua Raul Soares. Uma rua pequena, pouco mais de meio quilometro, que com certa surpresa conseguiu acumular uma boa lista de peculiaridades e razões para distinção. Hoje ela se inicia na pracinha triangular Vereador Edilson Barbosa ao final da desconhecida Avenida Trinta e Um de Março, que todos reconhecerão não oficialmente como sendo o Beco da Casa Paroquial. Termina um pouco além da Emater, antiga residência do Sr. Job Viana.

Tenho uma relação de longa data com essa rua. Foi meu primeiro lar e endereço, ainda um bebê, numa pequena casinha alugada, antes de mudar para BH. Neste local tive um episódio de vários dias com o ouvido inflamado, ou supurado, chorando muito e sem trégua para dormir. Minha mãe manteve-se constantemente acordada para cuidar do filho. Quando o ouvido finalmente purgou aliviando a pressão o filho dormiu e a mãe também, acompanhando-o. Meu pai chegou encontrando a casa toda trancada e como ninguém atendeu seus chamados foi obrigado a arrombar a porta. Uma boa história de origem!

O marco inicial da Rua Raul Soares seria a casa do Sr. Ildefonso, um proprietário de terras provavelmente considerado rico pelos critérios da época. Uma casa grande, com escadas frontais de pedra, avantajada o suficiente para ser considerada imponente naqueles arremedos de rua.

Uma personagem interessante no memorial da Rua Raul Soares é Dona Beralda Francisca de Paula. No rigor da verdade sua casa pertencia à Rua Francisco de Paula Lara, quase na esquina, mas no interesse das melhores lembranças isso é descartável. Falecida em 1986, Dona Beralda era voluntária da Paroquia de São Tiago e uma de suas atividades como tal era a produção de hóstias. Provavelmente ela usava um aparelho elétrico bem semelhante às atuais sanduicheiras para assar e estampar a massa que depois seria aparada e recortada em busca da forma final. Esse material descartado em forma de aparas e hóstias fora do padrão chegava às mãos dos meninos da região para ser consumido como uma espécie de quitanda. Sendo inexistente a consciência de que sem a Consagração aquele material era simplesmente um biscoito, sem sabor e sem sal inclusive, comê-lo provocava certo assombro e medo religioso. Era como andar na corda bamba sobre um poço de heresia e Pecados Mortais.

Dona Beralda tinha um filho, de nome Alim. Ao entardecer, pois minha memória sempre me força a acreditar nisso, ela chegava à janela e o chamava repetidamente com um grito controlado de mãe: “- Aliiiimmmmm...”. Num mundo bucólico e sem poluição sonora, com pouca casa e muita vegetação, aquele grito fluía e ecoava sobre o Brejo e a Várzea, sendo ouvido até lá no Preste.

Hoje, onde está instalada a Pousada Estância Tertúlia, ficava a casa de minha querida Tia Barbinha, irmã de minha mãe, e meu tio torto Oriel de Assis. Ali, como menino ou como pré-adolescente, fui hóspede compulsório durante muito tempo, cercado de muito carinho que tento retribuir com lembranças também carinhosas.

A rua podia se vangloriar de apresentar duas fontinhas. A primeira, a Fonte do Chafariz, próxima ao seu início era aparentemente a mais importante e movimentada. Ao lado da via pública era palco para crianças brincando, mulheres lavando roupa e a prática das superstições do dia de São João. Quando o abastecimento de água da cidade falhava era ali que muitos buscavam o recurso com baldes e mais baldes, latas e mais latas. As obras de contingenciamento decorrentes do grande deslizamento de terra da Rua Joaquim Marques da Silva em 2017 descaracterizou a fonte restando um simples cano de água. A outra, a Fonte da Sonda, situava-se um pouco mais afastada e à margem do Brejo, no que seria hoje o último quarteirão da Rua Francisco Paula Lara. Um fio d'água ainda resiste um pouco esquecido e persistente.

O Sr. Otávio, pai do conhecido Zé do Otávio, vivia numa casa um pouco rebaixada em relação ao nível da rua, com um estreito terreiro em sua frente. Exercia os ofícios de pedreiro, carpinteiro e barbeiro e com total visibilidade desenvolvia seus dons artesanais produzindo cordas de pelo animal para rédeas e afins e também barrigueiras para montaria. Sua ferramenta era uma estranha máquina que pelos olhos da memória se parecia como uma roda de fiar. Provavelmente era. Ele gostava de tocar viola à noite e era um ótimo contador de casos. A casa antiga foi substituída por outra construção e o Sr. Antônio, Tonho do Otávio, que havia se mudado para São Paulo como muitos da família voltou para São Tiago, ali morando atualmente.

Outro morador da rua era o Sr. Zezico Fogueteiro. Quem conhece as expressões Foguete de Rabo e Foguete de Lágrimas sabe da importância que um fogueteiro pode ter na configuração de uma comunidade bem interiorana. Com certeza ele ajudou a colorir algumas noites da antiga São Tiago.

O marco final da Rua Raul Soares era a região próxima à saída recentemente construída para o Bairro Santo Antônio. Além deste ponto, o que existia antigamente não encontra muito reflexo na urbanização atual. Muitas ruas foram traçadas onde nada existia. Ali, a característica marcante era a presença de um número elevado de crianças na rua. O casal Zeco e Chica Sampaio, pais do Têia do Zeco, moravam neste local. Dona Chica teve oito filhos que vingaram ficando grávida mais de vinte vezes. Num total descontrolado de natalidade outros vizinhos tinham tantos filhos que toda a vizinhança e muitos da comunidade se preocupavam de forma honesta e bem intencionada com sua situação.

A Rua Raul Soares é o limite do contorno urbano e também, àquela época, a última fronteira com as terras do inimigo Frio Antigo, o frio verdadeiro, cuja arma poderosa era o ar gelado que invadia a cidade a partir do Brejo, provocando até insônia.

Seis minutos de caminhada cobrem toda a extensão da Rua Raul Soares. Seis décadas não são suficientes para que tudo isso seja esquecido.

Fabio Antônio Caputo



O Prefeito Aristeu

Hoje, do alto de meus setenta e seis anos, já mais vivida e mais observadora da história de nossa terra, fico refletindo e analisando a passagem de cada prefeito que escreveu com seus acertos e erros, ideias e sonhos, dificuldades e aventuras a bonita história de um povo simples, acolhedor mas idealista.

Cada prefeito que passa desempenha um momento da história do município com festas, calçamentos, iluminação pública, estradas, edificação de prédios públicos, atenção à educação, saúde, esportes, segurança, embelezamento, comemorações etc.

Todos fizeram e fazem, cada um a seu tempo, de acordo com as necessidades da época, os motivos atuais e os recursos financeiros existentes, o que julgam necessário ao município e que agrada ao povo.

De uma coisa estou certa, não é fácil a administração pública; o gestor se esmera pelo acerto, pela correção mas por motivos que independem de sua vontade e/ou de seu conhecimento as vezes cai em cilada e depois vem o ministério público ou outros órgãos competentes cobrar-lhe aquilo que pode ter sido até falha técnica, involuntária, mas que recai sobre o gestor.

Eu admiro quem se dispõe à gestão pública e mesmo à gestão de Instituições Sociais, que lidam com dinheiro público porque a responsabilidade é grande e as consequências nem sempre são agradáveis, mesmo quando a causa é nobre, justa, necessária e até mesmo inadiável.

Já vi ex-prefeitos pagarem caro pelo bem que fizeram na área da saúde, esporte e assistência social.

Neste caso quero citar o prefeito Aristeu, com o qual muito convivi e auxiliei, voluntariamente, em seus mandatos. Homem de coração bom, generoso, caridoso que a todos queria atender e ajudar. Numa época em que a Prefeitura não estava estruturada, como hoje, com todos os setores de serviços separados, organizados e com dirigentes próprios.

Muitas vezes desempenhei a função de Assistente Social voluntária, levando a ele as demandas de pessoas carentes com goteiras nas casas, falta de rede elétrica, fogão a lenha todo quebrado, banheiro sem porta, inexistência de fossa sanitária, necessidade de filtro para água de beber e tantas outras coisas.

A resposta do Aristeu era: "Arruma lá e me traz a nota."

Quantas vezes fizemos isso. Foi bom para as pessoas necessitadas, mas sei que ele pagou um preço por essas e outras. Tenho certeza que de Deus ele está recebendo a recompensa devida.

Volto a dizer: a gestão pública não é brincadeira, a lei é fria e rigorosa.

Que estejamos todos atentos e alertas para os detalhes de tudo que envolve o dinheiro público. As Instituições deverão redobrar

seus cuidados nas prestações de contas, arquivos etc.

O bem não pode tornar-se mal, tornar-se pesado para quem age em favor dos necessitados.

Este texto tem no seu maior objetivo homenagear o ex-prefeito Aristeu por seu trabalho, sua dedicação em favor dos São-tiaguenses e pela liderança política que exerceu no afã de contribuir para o progresso de nossa terra.

Parabéns ao Aristeu por suas realizações e pelo coração generoso que sempre teve.

Alguns destaques em suas duas administrações:

- O prefeito Aristeu foi quem iniciou a democratização da Escola Estadual, aceitando a eleição direta para Diretor da Escola Afonso Pena, acabando com o rito político de "o prefeito indicar o diretor".
- Criou o Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) em 27/01/2000.
- Coordenou e muito contribuiu para as comemorações das Bodas de Ouro Sacerdotais de Monsenhor Eloi (1990).
- Criou a Secretaria Municipal de Saúde.
- Criou o Conselho Municipal de Saúde.
- Criou o Memorial Santiaguense (Lei nº 1122 de 08 de Junho de 1992).
- Construção do Prédio do Comitê (1º pavimento), apenas iniciado na gestão do Prefeito Otávio Leal Pacheco, o qual já abrigou o sindicato Rural, Secretaria de Saúde e outras Instituições. Hoje abriga o Memorial Santiaguense e a Biblioteca Municipal.
- Instalou o telefone "DDD" (Discagem Direta à Distância) em São Tiago em 1990. Antes, para fazer uma ligação "Interurbana" era necessário ligar a uma central de telefonia e dar o número desejado para que se completasse a ligação.
- Em sua gestão concretizou-se a ligação por asfalto a São João del-Rei e Morro do Ferro (25 de julho de 1997), com a presença do governador de Minas, Eduardo Azeredo e muitas autoridades federais e estaduais.
- Foi o primeiro prefeito a ceder transporte público para os estudantes universitários que cursavam Faculdade em São João del-Rei- uma Kombi, 1991.

Cairu
Membro do IHGST

PLÊIADES (mitologia)



As Plêiades (1885) do pintor simbolista Elihu Vedder.

Na mitologia grega, as **plêiades** eram filhas de **Atlas** e **Pleione**, filha do **Oceano**.^[1] Quando Pleione estava passeando pela **Beócia** com suas sete filhas, foi perseguida pelo caçador **Órion**, por sete anos.^[1] **Zeus**, com pena delas, apontou um caminho até as estrelas, e elas formaram a cauda da **constelação do Touro**.^[1]

As plêiades são: **Electra**, **Maia**, **Taigete**, **Alcíone**, **Celene**, **As-terope** e **Mérope**.^[1]

Seis das plêiades tiveram filhos com deuses, mas Mérope casou-se com um mortal, por isso esta estrela não pode ser vista.^{[1][Nota 1]}

Seus filhos são:^[1]

Dardano, filho de **Electra** e **Zeus**.

Mercúrio, filho de **Maya** e **Zeus**

Lacedemão, filho de **Taigete** e **Zeus**

Hirieu, filho de **Alcíone** e **Poseidon**

Nicteu e **Lico**, filhos de **Celene** e **Poseidon**

Enomau, filho de **Asterope** e **Ares**; algumas versões dão **As-terope** como esposa de **Enomau**

Glauco, filho de **Mérope** e **Sísifo**; Glauco, segundo algumas versões, foi o pai de **Belerofonte**

Mérope, por ter casado com um mortal, é uma estrela muito fraca; outras versões do mito dizem que **Electra** é a estrela que sumiu, após a **captura de Troia** e derrubada dos descendentes de **Dardano**, de tristeza, ela se mudou para o **círculo ártico**, e aparece algumas vezes com seus cabelos soltos, na forma de um **cometa**.^[1]

NOTAS E REFERÊNCIAS

Notas

1- A existência de estrelas que não podiam ser vistas pelo olho nu só foi demonstrada cientificamente quando **Galileu** apontou o telescópio para o céu.

Referências

1- Ir para: a b c d e f g **Higino**, *Astronomica*, XXI, O Touro

Sobre as plêiades ver matérias em nosso boletim nº CXLII – julho/2019

O REINO DE MARIA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE

“Vou tirar o pecado dessa terra da noite para o dia. Na-quele dia – oráculo do Senhor – qualquer um poderá condu-zir o companheiro para debaixo da própria videira e da pró-pria figueira” Ez 3.19.

O Advento, a implantação do Reino de Maria gerará uma sociedade admiravelmente superior, regenerada, algo jamais visto, onde conflitos, crueldades, impiedade, conflagrações, abominações, enfermidades serão extirpadas de vez da face do planeta. Por maiores a prevalência do pecado, a decadência da coletividade, o despautério belicista, o Bem prevalece-rá! A Terra conhecerá um novo pentecostes, com a suscita-ção de apóstolos, o transbordamento/plenificação de graças, a implantação do reino de Maria e do Espírito Santo. A cultu-ra, a família, a civilização, o Estado viverão sob a filosofia do Evangelho, reinando a misericórdia, a devoção, a excelsitude da criação. Eis o que nos asseveram as aparições de Nossa Se-nhora e o oráculo de grandes santos.

A prática hedonista, costumes materialistas e degradantes – verdadeiro lamaçal existencial – serão debelados pelo Co-ração Imaculado de Maria, conforme sua profecia e promes-sa em Fátima⁽¹⁾. Segundo São Luis Maria Grignion de Monfort em seu “Tratado da verdadeira devoção à Santa Virgem” as-sim como através de Maria, Cristo veio ao mundo, é também por meio dela que Ele reinará no mundo” (Obras Completas, 1966, p. 487). Tempos do Espírito do Senhor em que “ocorre-rão coisas maravilhosas, onde o Espírito Santo (...) virá abun-dantemente sobre as almas, cumulando-as de dons, parti-cularmente o dom da sabedoria para operar as maravilhas da graça” (Grignion, op. cit. pp. 634-635). Um reino irreversível, de consumação da aliança divina, de reconciliação, clemên-cia, primando a humanidade pela “plenitude dos tempos” (Gl 4,4) em todos os níveis – físico, moral, intelectual, espiritual,

cósmico – experiência desafiadora que nos exigem existên-cia sóbria, de partilha, vigilância.

Não só São Luis Maria Grignion de Monfort, mas igualmente outros profetas de nosso tempo como Santa Catarina de Sena, o beato Francisco Palau Y Quer Pe. reiteram-nos que adentra-remos nova era, mediante a manifestação de Maria, onde a sa-bedoria, a justiça e misericórdia se farão presentes e proem-inentes – uma existência de excelência, o transbordamento da Providência nos corações redimidos. Os habitantes selecionados, transformados serão como cópias vivas da Mãe – destemidos, tocados pelo fogo do Espírito Santo qual um Pentecostes pro-longado, plenificado e ainda que vivendo numa terra de exílio, neste se edificará a Cidade de Deus, no dizer de Santo Agostinho.

Céu e terra serão renovados, as criaturas libertadas, é o que nos afirmam, outrossim, textos bíblicos (Ap 21, 1-4 / Rm 8, 19-25). “Os maus serão eliminados da terra” (Pv 2,22). “Abundan-te será a paz dos seus filhos” (Is 54,13). “Eles (os escolhidos) se sentarão cada um debaixo de sua videira e debaixo de sua fi-gueira, sem que ninguém os moleste” (Nq 4,4). Ainda a Jeru-salém que “desce”, a reconciliação entre criação e criatura (Il Co 5,18-19 / Cl 1,20), o refazimento da aliança com a remissão da humanidade, composta por todos os povos, raças, tribos, línguas, nações (Ap 7,9)⁽²⁾. Afinal, tudo, todas as coisas acham-se sujeitas a Deus, fazendo-nos transbordar de esperanças (Rm 15,13), trabalhando todos, fraternalmente, em equipes de forma compartilhada, redimida, indulgente (Hb 10,25).

NOTAS

(1) Na aparição de 13 de junho de 1917, Nossa Senhora revela que “Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Co-ração; a quem a aceita, prometer-lhe-ei a salvação e estas almas serão amadas de Deus como flores colocadas por mim para enfeitar o Seu trono” (Irmã Lúcia – Quarta Memória c.II, n.5, Ed. Fátima, 2007, p. 175)

(2) “Eis o dia, enfim, que a luz brilhará sobre a Terra obscura e im-penitente, onde a raça será boa e bela e segundo o grau de adian-tamento que houver conquistado, onde o sinal colocado no rosto do homem, não será mais o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança” (Allan Kardec – “Obras Póstumas”).

A América – em especial o Brasil – segundo todas as profecias, sur-gem como um coração da nova humanidade, desvinculados do passa-do de violências, distorções, sectarismos.

Sobre profecias sobre o Brasil, ver matérias em nossos boletins nº CXLVI – nov./2019 e CLII – maio/2020

HOMENAGEM

DR. ANTONIO DE ANDRADE REIS FILHO

A Santa Casa de Misericórdia de São João del Rei prestou no dia 11 de maio último, justa e afetiva homenagem com descerramento de seu busto ao Dr. Antonio de Andrade Reis Filho (1919 – 1992), um de seus mais proeminentes profissionais médicos do passado e um dos ícones da medicina em nossa região e Estado.

Dr. Antonio de Andrade Reis Filho, nascido em 1919, era filho do sãotiaguense Dr. Antonio de Andrade Reis (1882 – 1947) e D. Gabriela Martins, juizdeforana.

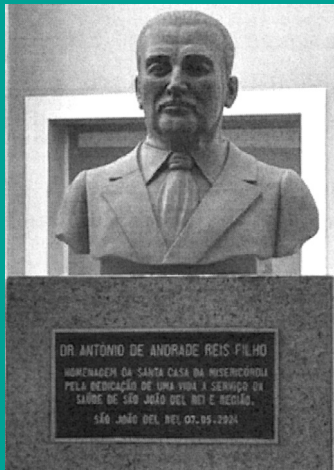
Dr. Antonio de Andrade Reis (pai), natural de São Tiago, notável médico, lenda da medicina em nossa região e País, implantou, na Santa Casa de São João del Rei à sua época, na primeira metade do século XX, um dos mais modernos e bem equipados centros cirúrgicos do País.

Teve para tal o concurso de seus dois filhos médicos. Dr. Antonio de Andrade Reis e Ivan Andrade Reis (1910 – 1982) ambos formados pela Faculdade de medicina do Rio de Janeiro e com especialização no exterior, dotando a Santa Casa da mais avançada tecnologia e equipamentos de ponta.

O casal Dr. Antonio de Andrade Reis e D. Gabriela Martins teve ainda uma filha, Niva de Andrade Reis (1917), pintora, autora do livro “Estações de minha vida” – 2002. Casada em 1ªs núpcias com o Dr. Saulo Paulo Vieira, já falecido, com quem teve 4 filhos; e em 2ªs núpcias com Eustáquio Gallejones Prieto.

Dr. Antonio de Andrade Reis Filho, conceituou-se como notável cirurgião, obstetra e ginecologista, além de marcante atuação na vida cultural, científica e social local-estadual.

Casado com D. Marina de Resende de Andrade Reis, casal com sete filhos: Raquel, Nelson, Inês, Antônio, Gisele e Eduardo⁽¹⁾.



Fizemo-nos representar no evento, dia 11/05, pela Srª Ruth Viegas, a quem agradecemos. Convite feito pelo Sr. Nelson de Andrade Reis, a quem igualmente somos gratos.

Nossos cumprimentos extensivos ao Dr. Pedro Cordeiro de Andrade Reis, neto de Dr. Antonio de Andrade Reis Filho, honrando a tradição médica familiar e sempre atencioso para com os sãotiaguenses seus pacientes.

Sobre o Dr. Antonio de Andrade Reis, excepcional vulto da medicina brasileira, ver matérias em nosso boletim nº CXIX – agosto/2017, CLI – abril/2020,

CLII – maio 2020, CLXXXII – nov./2022

Nossos agradecimentos ao Prof. Francisco José dos Santos Braga pela menção ao nosso nome em seu blog, bem como dados que nos permitiram elaborar a presente matéria.

(1) Filhos do Dr. Antonio de Andrade Reis Filho e D. Marina de Resende de Andrade Reis:

Raquel casada com Joel Rodrigues – Filhos: Maira, Gabriela e Mariana;

Carlos, residente em Cascavel-PR, pai de Kizzy e Tiago;

Nelson de Andrade Reis casado com Valéria – Filhos: Augusto e Pedro;

Inês, mãe de Felipe;

Antônio casado com Mônica – Filhos: Antonio e Ana Lúcia;

Gisele casada com Zequinha – Filhos: Zezinho e Marina – residente no Rio de Janeiro;

Eduardo casado com Ana Paula – Filhos: Isadora e Giovana;

(Fonte: Livro “Estações de minha vida” autoria de Niva de Andrade Reis, Rio de Janeiro, Ed. Lidador 2002)

Dores de Campos guarda histórias e tradições dos tropeiros

Dores de Campos, na Região das Vertentes, é a típica “cidadezinha” do interior de Minas, pacata, de gente religiosa e muito acolhedora: são 9300 habitantes descendentes de homens que desbravaram a região no lombo de mulas. Foram os tropeiros, dois séculos atrás, que transformaram o antigo povoado Patusca.

“O legado dos tropeiros é um legado econômico e cultural. Dores de campos é o que os tropeiros foram no passado. A nossa economia e toda baseada no couro, na produção de selas e artigos em geral de montaria em função do que esses tropeiros fizeram”, conta o historiador Helbert Aliani Silva.

Os tropeiros de Dores eram comerciantes, eles viajavam vendendo mercadorias, de fazenda em fazenda e até povoados de acesso mais difícil. As tropas que partiam da cidade seguiam para o Sul de Minas e todo interior de São Paulo. No início do século XIX se firmaram como grandes fornecedoras de material para montaria.

Oitenta por cento dos moradores estão ligados à produção. Entre as grandes, médias e as fábricas de fundo de quintal são



quase 100 selarias. Em média, 12 mil arreios e selas são vendidos todos os meses. Em uma dessas selarias o Terra de Minas encontrou “seu Rumeo”, um senhor de 77 anos, representante da última geração de tropeiros da cidade.

“Eu comecei viajando com meu pai na idade de 12 anos. Sai da escola e comecei a viajar com ele. A primeira viagem que fiz, sem vir em casa, foram oito meses. Depois foi assim, 9 meses, 10... Nós viajavamos com 18 animais, 16 de carga e dois de sela”, conta.

Há pelo menos 50 anos as tropas deixaram de existir em Dores de Campos. Mas a influência dos tropeiros é tão grande que algumas pessoas resolveram, por hobbie criar as próprias tropas.

Minha terra tinha palmeiras

Gonçalves Dias em seu conhecidíssimo e popularíssimo poema “Canção do Exílio” imortalizou as palmeiras de nosso País. “Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá”.

Quem não se recorda e se emociona ao ler – e ouvir – tão tocantes versos? Versos que aí pelas décadas de 1970 eram recitados, não só nas escolas mas igualmente por nossos vultos e vates populares dentre eles Antonio Sabina e Geraldo Zumba?

Lamentavelmente, nossa terra natal tinha palmeiras, teve-as por décadas, mas quase não as temos mais.

Os sabiás que busquem outros galhos onde cantar, provavelmente em quintais, ou cidades da região, lembrando-se que outras árvores de ruas foram igualmente abatidas.

Quanto tempo para se cuidar de uma palmeira, de uma árvore. Trabalho e zelo de administrações anteriores – em vão!

Se a moda pega, pobres palmeiras do adro da Igreja de São Francisco de Assis em São João del Rei e assim todas as palmeiras espalhadas pelos logradouros públicos do País.

EXEMPLOS DE CIDADES – PAISAGEM URBANA

Pessoas de nosso meio que estiveram recentemente na cidade de Desterro do Melo puderam observar – e se admirar – da limpeza das vias urbanas e principalmente do cuidado com as árvores em logradouros públicos. Um hortoflorestal em toda a cidade. As palmeiras, mesmo de alto porte, todas bem conservadas, polidas, folhas secas e cascas previamente eliminadas, evitando-se acidentes.

Precisamos aprender com os bons exemplos de outras cidades!

ETA BRASIL...

Imagine o seguinte: o cidadão adquire uma casa – ao solicitar junto à empresa concessionária de energia elétrica mudança da titularidade ou mesmo 2ª via de conta antiga (ou seja, a conta ou fatura vir doravante em seu nome) recebe a seguinte informação: somente o ex-proprietário poderá solicitar a mudança de titularidade da conta ou 2ª via.

Como??

Imaginemos que o ex-proprietário esteja em longa viagem, tenha se mudado para a China ou tenha partido desta para melhor.

Somos ou não regidos por lunáticos?!

(Em tempo: o novo proprietário resolveu o problema acessando o site da empresa concessionária)

Infeliz Credor

Você é credor? Vendeu alguma coisa a prazo? Emprestou?

Difícil hoje receber em caso de ajuizamento. Justiça morosa, burocrática, caríssima. Qualquer processo, leva anos, décadas.

Após 3 anos, o nome do devedor é retirado da Serasa, SPC, e após cinco anos, arquivado o processo.

O fintador fica sem nenhuma restrição e obviamente liberado para novos calotes.

Outro detalhe: advogados de devedores não se preocupam com o mérito da dívida em si.

Aquela lorota antiga de abuso econômico, juros, estornos etc. agora é passado.

Buscam erros técnicos na petição do cobrador, esquecimento de planilhas, algum erro material (digitação) e eis anulado o processo recaiando a sucumbência sobre o devedor.

Credor duplamente lesado. A ver navios. Não recebeu dívida e ainda tem sucumbência e custas judiciais nas costas ou melhor, no bolso.

Empresário na região metropolitana de BH, ramo panificação ganha licitação para fornecimento de pães às penitenciárias da região, o que o faz durante algum tempo.

Certo governador, assumindo uma administração populista, perdulária, passou a não honrar os compromissos junto aos fornecedores, dentre tantos o nosso empresário panificador.

Meses fornecendo pães, meses sem ver a cor do pagamento. Chegou um ponto que a corda não resistiu mais. Não teve como fornecer mais os pães.

O contrato licitatório, obviamente redigido pela mão estapafúrdia e abusiva, previa multas assombrosas pelo não cumprimento do contrato.

O que aconteceu?

O Estado fintador não teve pejo em executar o empresário, arrestando e levando a leilão seus bens, fruto de décadas de suor da família. Já o pagamento pelo fornecimento, meses a fio, de pães – bem esse foi para precatórios.

Que o cidadão nunca verá!

O contribuinte – assim o Estado, acintosamente, nos denomina – recebe notificação da Receita Federal acerca de uma dedução feita pelo mesmo (Declaração de Imposto de Renda) relativo um tratamento fisioterapêutico.

O que o Estado desejava saber era qual a forma de pagamento feita ao fisioterapeuta, se por cheque, pix, ordem de pagamento, depósito em conta etc.

Como o contribuinte fizera o pagamento em espécie (dinheiro) com recibo do profissional, a Receita desconsidera, todavia, tal forma de quitação.

Se houve alguma dúvida (por exemplo o fisioterapeuta não incluiu a receita de tal tratamento em sua declaração) a Receita empurra o problema para o cliente e aparentemente duvidando do tratamento feito ou modalidade de pagamento.

Ou seja, o fisco desconsidera ou duvida de pagamentos em espécie.

MEMÓRIA COLETIVA A RIQUEZA DAS LOCUÇÕES POPULARES

Nossa língua, em especial a oral popular, é eivada de uma magia inigualável, de um sabor inenarrável e que a memória coletiva é apta a revelar, a fluir em toda sua espontaneidade. Maravilhas de nossa fala comum, por vezes revestida de novos valores semânticos, imbuída, porém, de sua significação original, fraseologia convergente, quando não erudição refinada. Palavras, verbetes, expressões, locuções, por mais antigas, ancestrais vozes rurais e medievais, que prosseguem vivas na comunicação coletiva, onde emanam o brilho argênteo da ação humana. Um tesouro linguístico incomparável, reminiscências culturais contextuais, fusinadas a partir das mais variadas etnias, efervescente psicologia, séculos infindos!

Conservamos, até pouco tempo, laivos da Idade Média e do Brasil setecentista, tesouros que se ocultam na memória inconsciente de nossos interioranos; vozes antigas, remanescentes que se conservam nas conversas roceiras, nas locuções populares, nos jargões dos velhos sertanejos, contextos os mais sábios, os mais pitorescos, por vezes picantes...

ALGUMAS LOCUÇÕES POPULARES PITORESCAS:

"Perder os três vinténs" – perder a virgindade.

A virgindade é conceito construído pela sociedade, baseado em critérios biológicos e ainda socioculturais, modificando-se por razões políticas, religiosas ou de liberalização sexual. Trata-se de importante contexto da tradição cristã, como valor para o casamento ou a vida religiosa professa.

Vintém ou tostão era uma moeda cunhada no reinado de D. Manuel I, (segundo outros no reinado de D. Pedro II) medindo cerca de 20 mm de diâmetro, o tamanho aproximado do hímen. As pessoas, especialmente as mulheres, tinham o hábito de usar amuletos, incluindo moedas de vinténs. A jo-

vem deixava de ganhar ou usar os adereços de três vinténs, acaso perdesse a virgindade.

Há outra explicação: as virgens usavam um colar ou talismã de três vinténs e quando eram prometidas em casamento ou noivavam, o ornamento era retirado, indicando que era(m) já comprometidas. A cunhagem dessas moedas de prata se estenderam até 1834 no reinado de D. Miguel.

O hábito comum de furar moedas de três vinténs de prata, colocando-as como amuletos no pescoço, a título de proteção, juntamente à efígie do Rei Santo ou da flor-de-lis, era uma custódia mágica. Com o desvirginamento, perdia-se a proteção do talismã protetor. Assim, uma virgem que não portasse os três vinténs – sentinelas de sua pureza – ainda que por esquecimento, logo, por malevolidade, dizia-se não ser mais donzela.

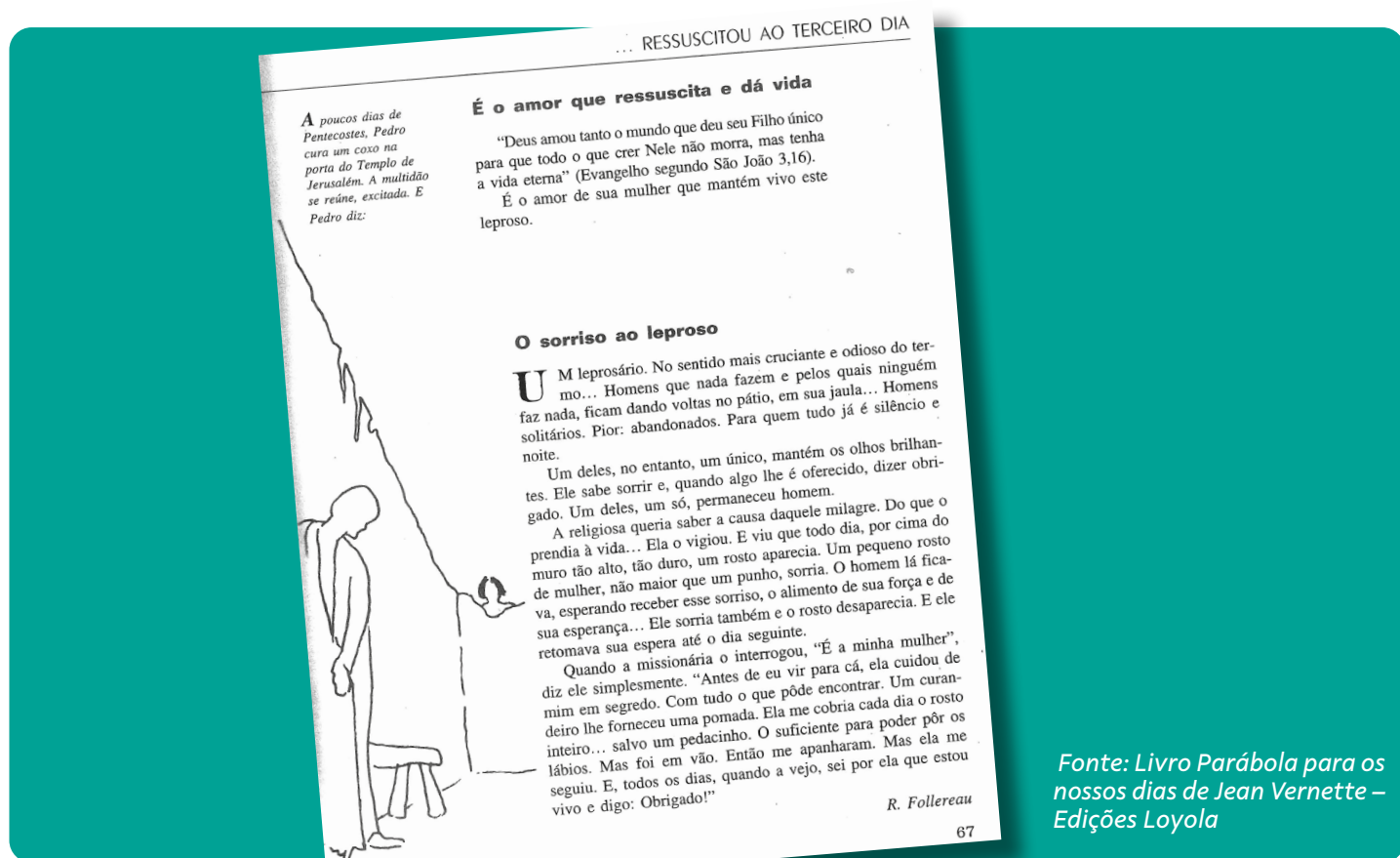
Expressão "ficar solteira", além de antônimo de casada, pode, na linguagem popular, significar também "perder a virgindade": Ex: Virgília ficou solteira com o primeiro namorado

Outras variantes: "bulida", "deflorada" (linguagem jurídica) "donzela de candeeiro"

"donzela de candeeiro" – a falsa virgem, *donzelli*, mulher que mantém pose nobre de pureza e virtudes, mas, na verdade, é de vida livre, praticante de programas e gandasias, mantendo existência oculta, subterrânea.

A origem da expressão vem dos tempos das lâmpadas de óleo ou querosene, que eram colocadas nas salas das casas sobre uma coluna de madeira. Eram as luzes ou donzelas de candeeiro, guardiãs do fogo, que mantinham a iluminação para as visitas, clareando e encantando os momentos do serão familiar...

Talvez daí o provérbio popular "De noite à candeia, até a burra parece donzela" Em algumas versões, ao invés de "burra" aparece "bruxa".



Fonte: Livro *Parábola para os nossos dias* de Jean Vernet – Edições Loyola

A festa do Senhor

A aldeia ao pé do castelo acabava de despertar, quando ressoou na grande praça a voz do arauto senhoral:

— Nosso Senhor bem-amado convida todos os bem-amados súditos a participarem com ele dos festejos do seu aniversário. Uma feliz surpresa os espera. Ele lhes pede, todavia, que tenham a grande gentileza de levar um pouco de água para encher o tanque do castelo, que está seco...

E, dando meia volta, o arauto, cercado pelos seus guardas, retorna ao castelo senhoral.

Os comentários se sucedem, mas as disposições variam muito...

— Pfui... Há bastantes empregados para encher o tanque... Vou levar um copo, que é mais do que suficiente!

— Não! Ele sempre foi bom e generoso! Levarei uma pipa cheia!

E, na manhã do dia aprazado, vemos um estranho cortejo ir da cidade ao castelo. Uns carregam com grande esforço enormes tonéis, ou arquejam levando baldes cheios até a borda. Outros, zombeteiros, levam uma garrafa ou um copinho numa bandeja.

Entrando na parte interior do castelo, cada qual esvazia o seu recipiente no tanque central, depõe-no no vestiário e se dirige alegremente à sala do banquete.

Assados e vinhos, danças e cantos. Quando chega a noite, o Senhor agradece a todos com uma palavra amável e se retira para os seus aposentos.

— E a surpresa prometida? — desaprovação dos ranzinhas, — Nosso Senhor nos deu a melhor festa! — alegria feliz das pessoas boas.

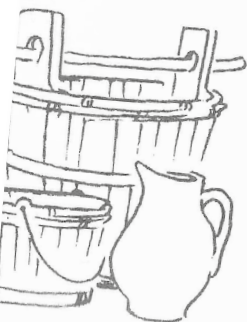
E cada um, antes de partir, vai pegar o seu recipiente. Eis que explodem exclamações, cada vez mais fortes, vindas do vestiário. Gritos de alegria e gritos de raiva.

Os recipientes estavam cheios, até em cima, de peças de ouro! — Ah! E eu que não trouxe mais água...

DISSE JESUS: "DAI, E VOS SERÁ DADO; SERÁ DERRAMADA NO VOSSO REGAÇO UMA BOA MEDIDA, CALCADA, SACUDIDA, TRANSBORDANTE, POIS COM A MEDIDA COM QUE MEDIRDES SEREIS MEDIDOS TAMBÉM".
(EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS 6,37-38)

"E ELE TE DARIA ÁGUA VIVA," FATIGADO DA CAMINHADA, JESUS SENTOU-SE JUNTO À FONTE, NUMA CIDADE DA SAMARIA CHAMADA SICAR. UMA MULHER DA SAMARIA CHEGOU PARA TIRAR ÁGUA. JESUS LHE DISSE: "DÁ-ME DE BEBER!" DIZ-LHE, ENTÃO, A SAMARITANA: "COMO, SENDO JUDEU, TU ME PEDES DE BEBER, A MIM QUE SOU SAMARITANA?" JESUS LHE RESPONDEU: "SE CONHECESSES O DOM DE DEUS E QUEM É QUE TE DIZ "DÁ-ME DE BEBER", TU É QUE LHE PEDIRIAS E ELE TE DARIA ÁGUA VIVA... UMA FONTE DE ÁGUA JORRANDO PARA A VIDA ETERNA".

(EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO 4,4-14)
AMÉM!



Fonte: Livro *Parábola para os nossos dias* de Jean Vernet — Edições Loyola



O castigo

Então, era uma viagem de negócios. Sai para o sul de Minas no final do ano e chovia muito. Passei pelo Ribeirão das Neves e estava muito cheio e me molhei todo. Faltavam sete quilômetros para chegar à

cidade e logo encontrei uma venda que pertencia a um casal de estrangeiros, cada um de nacionalidade diferente. Cheguei e pedi pousada, e eles logo disseram que não seria possível, mas que se eu quisesse comer eles arrumariam algo para mim. Pedi para que me fizessem uma sopa. Dito e feito. Logo me

chamaram para tomá-la e, ao entrar na sala, estava todo molhado assim como as notas de vinte contos que carregava. Então, eu disse para a senhora, a dona da casa:

"A senhora tem uma peneira para me emprestar? E ela respondeu assustada..." "Uma peneira?" É, respondi. Sem entender nada ela trouxe uma peneira e comecei a colocar as notas para secar. Havia muitas notas de vinte, mas também muitas de quinhentos mil réis até em maior quantidade. Quando a senhora viu todo aquele dinheiro, ficou alerta e logo chamou a empregada para que trouxesse vinho para mim. Ao trazer o copo com o vinho, David, o chefe da casa, ficou espantado com tanto dinheiro e não tirava os olhos dele. A dona, então, disse que eu poderia passar a noite lá porque o filho deles não iria voltar para dormir. Acabei aceitando a oferta.

Logo que escureceu, pedi a conta, pois iria acordar cedo para retomar a viagem. A senhora disse que a sopa, o vinho e a cama ficariam em dez mil réis. Fiz o pagamento e fui deitar. Pedi às almas que me acordassem à meia-noite, e foi o que aconteceu. Já havia parado de chover, e a lua clareava bem. Joguei o meu arreio e meus pertences pela janela e fui buscar meu animal. Depois de um tempo na estrada, mais ou menos trinta minutos de viagem rumo à cidade, encontrei um jovem de mais ou menos 17 anos que nem me cumprimentou. Como a estrada era larga, achei que estava no caminho certo.

Cheguei à cidade por volta de uma hora e meia da madrugada. Eu demorei para encontrar uma pensão. Não havia ninguém nas ruas. O dono da pensão demorou a me atender. No outro dia, levantei tarde. Como a cidade era pequena, todos sabiam das novidades.

Naquele dia todos falavam que haviam matado o Zequim, que prenderam o David, e a mulher dele tinha ficado louca. O caso que se deu foi o seguinte: o Zequim, filho do senhor David, chegou em casa, viu a janela aberta e pensou que, entrando por ela, não era preciso acordar os pais. E foi o que ele fez... Foi para o quarto e dormiu. Lá pelas duas horas da madrugada, David pegou um machado e sua esposa a lamparina. Ele pediu para que a mulher não entrasse no quarto com a lamparina. Achavam que eu estaria dormindo pelo barulho de sono profundo. Então o David deu uma machadada na cabeça do filho pensando que era a minha... Depois pediu para que a esposa trouxesse a lamparina e aí viram que era o filho. Pois é, tinham matado o próprio filho, o Zequim. O homem saiu gritando até a cidade: "Matei o Zequim, matei o Zequim!"

O pai foi preso, a mãe, para o hospício e o filho para o cemitério.

Quando cheguei em casa, meu pai me mostrou a notícia no jornal e fiquei assustado, pois era eu quem iria ser assassinado. Mas não contei para ele... Só contei essa história muito tempo depois.

Ainda tem mais história de viagem...



E não sou uma mulher?

Sojourner Truth

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... (alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.



Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.

1- Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora.

2- Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1797, foi tornada livre em 1787, em função da Northwest Ordinance, que aboliu a escravidão nos Territórios do Norte dos Estados Unidos (ao norte do rio Ohio). A escravidão nos Estados Unidos, entretanto, só foi abolida nacionalmente em 1865, após a sangrenta guerra entre os estados do Norte e do Sul, conhecida como Guerra da Secessão. Sojourner viveu alguns anos com uma família Quaker, onde recebeu alguma educação formal. Tornou-se uma pregadora pentecostal, ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade). Na ocasião do discurso já era uma pessoa notória e tinha 54 anos. A versão mais conhecida foi recolhida pela abolicionista e feminista branca Frances Gage e publicada em 1863, essa é a versão traduzida aqui a partir de diversas fontes online.

Austin, janeiro de 2014

PROCURA-SE CUIDADOR DE MEMÓRIAS

Quem vai cuidar de meus objetos de memória depois de minha morte? Ressalvando que, caso alguém se coloque à disposição! O desconhecido destino daquilo que deixamos para trás cutuca os pensamentos incomodando o sono de alguma noite.

Medo da morte e sensibilidade à morte não são a mesma coisa. O medo da morte é algo de foro pessoal e íntimo, fora do alcance de opiniões alheias. Ser sensível à morte é uma condição que nos alcança a partir de certa idade e circunstâncias. Possuir essa sensibilidade pode ser até benéfico na autocritica, na capacidade de fazer a visão penetrar o futuro e nos tornar conscientes de certas responsabilidades que o puro ato de viver impõe e a simples morte não nos exime.

Entre estas responsabilidades está o direcionamento, da forma mais justa possível, do rol de coisas materiais ou não que deixarmos à disposição do que virá. Com certeza estaremos afetando a vida de pessoas e seria ótimo que tivéssemos algum controle da situação.

Quanto às lembranças, as memórias do pensamento, há pouco a ser feito. Que elas perdurem, naqueles que ficaram, nas conversas, nos casos contados, nos sonhos e nas orações no tempo máximo permitido por suas próprias forças.



Imagem: site institutokerigma.com.br

Mesmo não tendo filhos não me preocupo ao deixar bens de patrimônio, investimentos e dinheiro em espécie. Casa exista alguma lacuna no testamento, ou mesmo que ele não exista, a lei escrita determinará os herdeiros. Persistindo alguma disputa a justiça dos tribunais resolverá a questão. Somente espero e peço que o destinatário da herança a mereça e a use de bom coração.

Mesmo sendo natural é injusto passar para filhos, sobrinhos ou outros parentes mais jovens o dever e o ônus de conservar consigo o conteúdo de nossas gavetas de memórias. Todos já devem ter vivido a incomoda situação de encontrar nos guardados da casa uma foto de pessoa falecida, dessas distribuídas em funerais. Caso a pessoa não seja muito íntima ou importante, manter a foto é sem sentido, mas jogá-la fora parece uma ofensa, um desrespeito. Seria similar caso se tratasse de nossas tralhas de recordações.

Além do mais, pressinto que o futuro nos trará um mundo com uma terrível escassez de gavetas e armários. Haja vista as dimensões oferecidas pelo atual mercado imobiliário e de construção civil. Lá, a memória passará a ser trivialmente digital, menos tangível, com menos objetos a exigir espaço.

De vez em quando fico remoendo e elaborando em pensamento detalhes de um desejo que gostaria muito de poder ter. Acredito que não seria pedir demais aos deuses do tempo, não seria exigir demais que a invenção das coisas nos trouxesse algo claramente fictício e fora da realidade para fazer parte de nossa vida. Certamente a dificuldade inerente à sua concretização só fará realçar o quão valioso seria a disponibilidade desse desejo para a vida de um batalhão de pessoas com preocupações parecidas. Eu realmente gostaria muito de encontrar, conhecer e contratar um Cuidador de Memórias.

Existem as Babás, as cuidadoras de bebês e crianças, que tomam conta e zelum pelo bem estar, saúde, higiene e o que

mais precisar para os pequenos. Existem os Cuidadores de Cachorros, uma versão simplificada das Babás voltada para os cães, assumindo também a obrigação de passear com eles. E finalizando, existem os Caseiros, que nada



Imagem: site duboni.com.br

mais são que Cuidadores de Residências, propriedades. Não existe um motivo imbatível que impeça a existência de um Cuidador de Memórias! Este profissional estaria à disposição do mercado para prestar seus serviços, como fazem seus congêneres.

Ainda em vida o interessado em utilizar o seu trabalho e experiência deve contratá-lo e ato contínuo providenciar uma conta especial em instituição financeira apta para salvaguardar os fundos necessários para cobrir um salário anual acordado por, no mínimo, 20 anos ou outro prazo de seu interesse.

Depois de sua morte o Cuidador de Memórias será o fiel depositário responsável pela guarda, segurança, organização e manutenção de toda a memorabilia miúda, toda a tranqueira de lembranças sobrevivente e acumulada pelo contratante em seus anos de vida. Além disso, ele deverá se aprimorar em conseguir um conhecimento mínimo sobre o material em sua guarda. Sem se limitar aos termos expressos nas cláusulas do contrato esta coletânea envolve: fotos isoladas ou em álbuns, textos manuscritos ou impressos, livros, desenhos, cadernos de receita, cartas, histórias em quadrinhos, pequenos objetos, crucifixos, abotoaduras, alianças e anéis, vinil, discos rígidos, pen drive, Cd's e Dvd's e qualquer outra mídia de armazenamento. E



Imagem: site fitasvhs.com.br

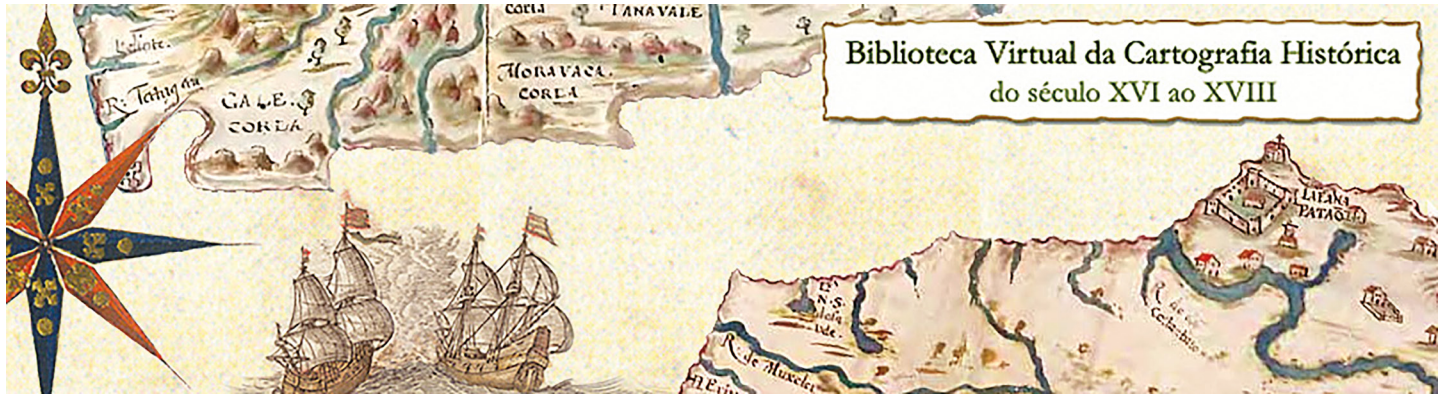
etc. e etc.

Uma vez ao ano o Cuidador de Memórias deverá convocar por qualquer meio possível, admissível ou até jurídico, a um ou vários representantes da família, herdeiros, descendentes e parentes para uma ocasião de reencontro. Nesta oportunidade algumas peças oficialmente arquivadas serão repassadas com paciência, comentários a respeito, elucidação de dúvidas e observações. O silêncio total será proibido enquanto álbuns de fotos serão folheados, cartas relidas, vídeos revisitos, músicas ressuscitadas e o pequeno conjunto de correntinha e brinco será admirado.

Depois de mais de 20 anos o acervo poderá ser destruído caso ninguém se interessar por dar algum destino a pelo menos um item mantido.

A essa altura eu já estarei muito longe, longe demais, para me importar e entristecer.

Fabio Antônio Caputo



MAPPA DA COMARCA DO RIO DAS MORTES PERTENCENTE A CAPITANIA DE MINAS GERAIS QUE MANDOU DESCREVER O ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR D. ANTÔNIO DE NORONHA GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DA MESMA CAPITANIA SEGUNDO AS MAIS EXCTAS INFORMAÇOENS

A CARTOGRAFIA HISTÓRICA: DO SÉCULO XVI AO XVIII

O mapa com o título “Mappa da Comarca do rio das Mortes pertencente a Capitania de Minas Gerais que mandou descrever o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Antônio de Noronha Governador e Capitão General da mesma Capitania segundo as mais exctas informações”, foi feito por José Joaquim da Rocha em 1777.

O mapa mostra a região da comarca do rio das Mortes e seus limites com as comarcas de Sabará e de Vila Rica; e com parte das capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás. Destacando a serra da Canastra; o rio São Francisco e o rio Grande; o Arraial do Jacuí; o rio Pardo; “o primeiro e o segundo regimentos de São Paulo”; “estrada de São Paulo para Goiás”; a serra do Mogiguaçu; “registro de ouro fino”; o rio do Peixe; a serra da Araquama; o rio Jaguari; a serra da Mantiqueira; o rio Sapucaí; “o regimento de Itajubá”; o rio Preto; Lavras; o rio das Mortes; a Vila de São João; a Vila de São José Prados; o rio Pará; a serra Negra; o rio Paraopeba; o rio Xopotó e o rio Paraibuna.

Deve-se ressaltar que os escritos e mapas de José Joaquim da Rocha são fontes e objetos amplamente utilizados pela historiografia referente ao período colonial brasileiro. Este fato e o semi-anonimato em que permanece o envolvimento do autor como testemunha no processo da Inconfidência Mineira e seu contato muito próximo com Tiradentes, tem sido objeto de estudo de alguns historiadores, como de Maria Efigênia Lage de Resende. A autora descreveu como cartógrafo, José Joaquim da Rocha exercia atividade militar, enquadra, na Colônia, no prosseguimento de atividades estratégicas para o domínio do espaço territorial das Minas, tarefa indispensável à sua administração e controle. Neste sentido, traçar estratégias ou avaliar as dificuldades de domínio sobre o território conquistado foram tarefas para as quais, desde, pelo menos, o século XV, a confecção de mapas mostrou, continuamente, a sua utilidade. Algumas ordens régias demonstram que a questão da cartografia das Minas foi, desde muito cedo, uma preocupação metropolitana.

José Joaquim da Rocha escreveu que “as Minas Gerais tomaram este nome por serem suas faisqueiras continuadas, em as quais se acha ouro com mais ou menos conta”(p.78).

A data e o local exatos da descoberta de ouro nas Gerais são incertos, mas é certo que a descoberta dos veios auríferos resultou das expedições dos paulistas, que por isso, se tornaram, ao mesmo tempo figuras de interesse e reprovação da Coroa.

A exploração do ouro de aluvião mostrou-se rapidamente lucrativa. Em 1702, criou-se o Regimento dos Superintendentes, Guarda-Mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro. A principal inovação do Regimento foi a criação da Intendência das Minas em todas as Capitanias que houvesse

extração de ouro, instituição dotada de funções múltiplas, sobretudo as de ordem fiscal e de repressão ao contrabando. Abaixo das Intendências vinham as Casas de Fundição, onde se deveria recolher, fundir em barras e “quintar” – retirar o quinto da Coroa – todo o ouro extraído. Feito isso, o ouro podia circular a vontade, e havia mesmo a possibilidade de circulação de ouro em pó, restrito à capitania, dada a impossibilidade de alguns mineradores juntarem ouro suficiente para formar barra.

O historiador Ronaldo Vainfas lembra que havia dois tipos de extrações auríferas: a das lavras – jazidas organizadas em grande escala e com aparelhamento para a lavagem do ouro; e a dos faiscadores, que empregavam somente a bateia, o cumbê e ferramentas toscas, reunidos num ponto franqueado a todos, cada qual trabalhando por si. Os faiscadores eram homens livres e pobres, havendo mesmo escravos entre eles, que entregavam quantia fixa ao senhor e guardavam o eventual excedente.

Cabe ressaltar que a abrangência geográfica da mineração estende-se desde a Serra da Mantiqueira, na capitania de Minas Gerais até a região de Mato Grosso e Goiás, sem contar com os veios insignificantes em São Paulo ou na Bahia. Todavia, nenhum deles superou os de Minas Gerais, onde foi criado o maior número de “registros”, postos fiscais incumbidos de receber o “direito de entrada” dos produtos que passavam às Minas, fossem originários do reino ou de outras capitanias.

É importante mencionar que foram criadas estradas específicas para a região, como o Caminho dos Currais do Sertão, para a Bahia; o Caminho Velho, que ligava o rio das Mortes e o arraial de Vila Rica aos portos de Santos ou Parati, passando pelo interior de São Paulo; e o Caminho Novo para o Rio de Janeiro, passando pelos rios Paraíba, Paraibuna, Irajá e Iguaçu.

REFERÊNCIAS

CANO, W. Economia do ouro no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

CORTESÃO, Jaime. História do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1957. Tomo II.

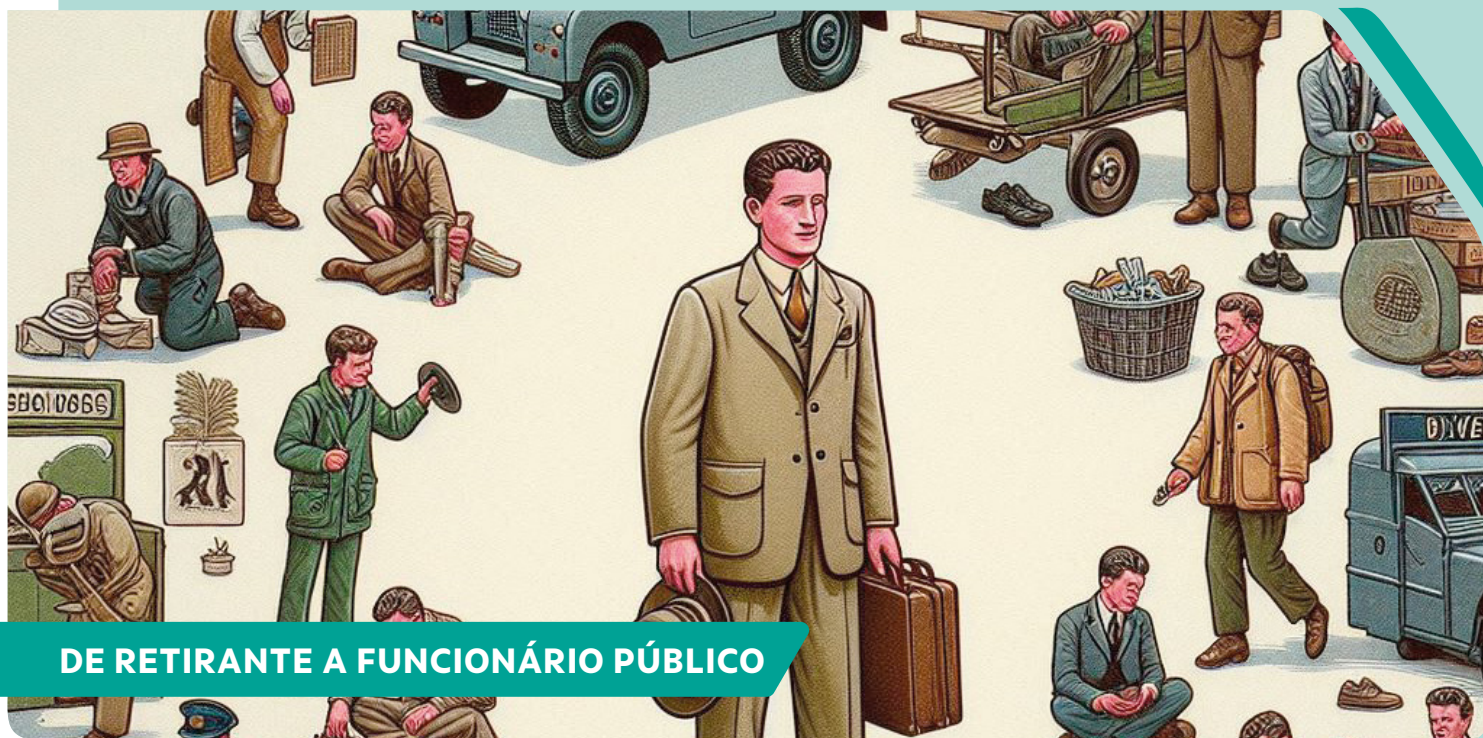
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e Pedras Preciosas. In: HGCB. 4.ed. São Paulo: Difel, 1977. v.2, p.259-310.

PINTO, Alfredo Moreira. Apontamentos para o Dicionário Geographico do Brazil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

PARCEIROS

AO PÉ DA FOGUEIRA



DE RETIRANTE A FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Mocinho ainda, viera ter à cidade, uma das maiores da região, acompanhando os pais e irmãos retirantes, fugitivos todos das agruras e penúrias do campo, na busca por algo melhor, um abrigo, por mais precário. No mínimo, sobreviver. Época (meados do século passado) em que o êxodo rural – no arrebatamento da indústria automobilística que se instalara em São Paulo – intensificara seu grande espetáculo, deixando desertos vários povoados e fazendas, e os retirantes, aos milhares, deixavam-se seduzir pelo paraíso paulista. Aquela família, porém, optara por uma cidade maior da própria região.

Escolaridade ínfima (frequentara a escola primária mais próxima por alguns meses), porém sempre lúcido, esforçado, extrovertido, assimilando celeremente toda forma de conhecimento. Apegara-se, desde cedo, a qualquer serviço: lide agrícola, entregador, engraxate, ajudante de caminhão, vendedor ambulante. Passara a acompanhar viajantes ou motoristas que realizavam entregas de mercadorias, adquirindo, com isso, providencial conhecimento de fazendas, povoados e cidades de extenso território. Perspicaz, loquaz, rapidamente guardava os nomes e denominações dos locais e pessoas, em particular de comerciantes e fazendeiros, por onde se deslocava, a tudo memorizando.

Frequentador igualmente, nas horas vagas, de bares, pontos de táxi, estações rodoviária e ferroviária, oficinas mecânicas, sempre atualizado com as novidades, tornando-se, ademais, pessoa conhecida em praticamente toda a redondeza. Nesse ínterim, frequentara cursos de alfabetização e supletivo, adquirindo relativa formação e cultura. Passara, outrossim, a ser demandado por moradores das comunidades próximas e mesmo distanciadas quanto à solução de problemas de rotina na cidade, então polo comercial e sede de várias instituições públicas. Uma espécie de despachante, chegando, em pouco tempo, a órgãos como Receita Federal, Colêtorial Estadual, Previdência Social e em particular o banco oficial federal, cuja agência regional ocupava ampla área no centro da cidade, atendendo a dezenas de municípios e a milhares de fazendeiros ao redor, em sua maioria mutuários de crédito rural.

Eis que sobre ele recaem os olhos de fiscais e servidores do banco estatal, encarregados de acompanhar e auditar in-loco os contratos de financiamento de lavouras e/ou de investimentos agropecuários, e que dependiam de guias ou mateiros em suas longas

viagens pelas fazendas, sítios, povoações componentes do dilatado território de atuação da agência. Roteiro programado, eis o jovem retirante convidado a ciceronear os funcionários. Prática comum, o moço que, de início, aguardava os fiscais nas proximidades da agência, com o tempo adentrara suas instalações, procedendo a pequenas tarefas como a limpeza e abastecimento dos veículos (à época possantes jipes Land-Rover ou rurais Williams), a fazer mandados para os fiscais, muitos destes oriundos de outras partes do Estado, que necessitavam realmente de quem os orientassem e os acompanhassem em seus péréplos pelas propriedades, inúmeras delas quase inacessíveis, situadas em ambientes remotos e arriscados. Dos fiscais e, ainda ao que soube, de uma caixinha existente internamente na agência, recebia uma remuneração informal.

Correm dias, anos, décadas. Mudam-se os fiscais, modifica-se o quadro de inspetores, eis o fiel companheiro ali a postos a tiracolo, continuando a atuar também em serviços internos da agência, uma espécie de faz-tudo. Certa feita, nomeado o novo gerente regional, após empossado, toma conhecimento do fato, verificando a presença daquele “funcionário” extemporâneo, não oficial. Determina a imediata suspensão dos serviços daquele estranho no ninho, proibindo terminantemente – e de forma hostil – ali sua presença. E determinando aos fiscais: “Se virem!”, os quais não tiveram outra opção senão descartar o fiel e prestativo cicerone.

O caso bateria às portas da justiça, que consagraria todos os direitos do antigo retirante, comprovada plenamente a vinculação de trabalho. Testemunhas não faltaram nas oitivas – fazendeiros mutuários, clientes e vizinhos da agência bancária, proprietários de bares onde o reclamante e fiscais tomavam café e lanches juntos, frentistas de postos de combustíveis, funcionários de oficinas mecânicas onde eram consertados os veículos da agência bancária ali conduzidos pelo dinâmico trabalhador. A todos quanto se perguntasse, eram unânimes em afirmar sua condição de funcionário do banco estatal.

Um estardalhaço judicial. Uma quizumba que traria dissabores administrativos, desgastes de imagem institucional ante a vasta repercussão na mídia, sendo a instituição condenada, em suma, a altíssima indenização, reconhecida integralmente a condição funcional do “retirante” e com todos os direitos trabalhistas, funcionais e mais...

Realização:



Apoio:

